

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SANDRO ALVES NOGUEIRA

**A ESCUTA DA PALAVRA:
um cumprimento da vontade do Senhor**

Goiânia
2023

SANDRO ALVES NOGUEIRA

**A ESCUTA DA PALAVRA:
um cumprimento da vontade do Senhor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Pe. Dr. Elismar Alves dos Santos

Goiânia
2023

Dedico à Igreja de Jesus Cristo que
é Una, Santa, Católica e Apostólica

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu único e verdadeiro Senhor, se estou finalizando mais um ciclo de vida, foi pela graça divina. Estou à disposição do Senhor de forma mais qualificada para o serviço de Sua Igreja e de Seu Povo.

À Igreja Católica representada pela Arquidiocese de Goiânia, em especial a Paróquia Nossa Senhora da Assunção, onde realizei o Estágio Supervisionado, e que continuo exercendo atividades vinculadas ao conhecimento Teológico.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), que possibilitou minha formação Teológica.

À minha família que tanto amo, em especial minha esposa, Ana Cláudia Martins Ramos, e minhas filhas Isabela Martins Nogueira e Valentina Martins Nogueira, as quais participaram de forma afetiva e efetiva do meu processo de formação Teológica.

Ao meu orientador, Pe. Dr. Elismar Alves dos Santos, exemplo de competência, dedicação profissional e serviço a Deus.

Ao coordenador do curso, professores e funcionários do curso de Teologia da PUC-GO pela contribuição significativa da minha formação Teológica.

Aos Padres da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, o Pároco Pe. Marcos Rogério de Oliveira, os vigários Pe. José Francisco Fernandes Coquejo e Pe. Antônio Carlos Saraiva de Oliveira, além deles, o Diácono Arnaldo de Paula Araújo e o Pe. Rafael de Sousa Soares, todos contribuíram para minha formação prática em Teologia, com exemplo de vida, conselhos, companheirismo e amor ao servir a Deus.

A todos Paroquianos, Agentes Pastorais e funcionários da Paróquia Nossa Senhora da Assunção (Matriz e Comunidades), bem como, à Associação Assunção, todos colaboraram muito para minha atuação (estagiário) na Paróquia, com paciência, dedicação e amor ao servir a Deus, à Igreja e ao Irmão em Cristo.

Aos colegas da turma (2020/2023) de Teologia da PUC-GO, que partilharam momentos de alegria, companheirismo e dificuldades ao longo do curso.

Enfim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Muito obrigado a todos!

*“Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh”
Deuteronômio 6,4*

RESUMO

A Teologia da Escuta nas Sagradas Escrituras caminha em direção a Jesus Cristo. Trata-se de uma Escuta de entrega ao Deus Uno e Trino, um imperativo para colocar em prática os ensinamentos divinos com adoração, temor e amor. Uma prática que chega pelos ouvidos e que aponta o Senhor como prioridade sobre todas as coisas, em uma Escuta obediente aos mandamentos divinos. Nesse sentido, escutar não é simplesmente um sentido humano de percepção dos sons, mas uma intensa forma de se compreender os desígnios divinos com empenho na prática da oração. A Escuta de Deus é uma via dupla em que se ouve e é ouvido. Nessa mesma perspectiva, o cristão deve se colocar disponível para ouvir o seu irmão em Cristo. Por isso, a Escuta do próximo se faz necessária e pode acontecer na Pastoral da Escuta, um serviço pastoral que a Igreja oferece e que possibilita o encontro de alguém disposto a ouvir o que sufoca o irmão. Logo, neste Trabalho de Conclusão de Curso, será apresentado e discutido, de forma sucinta, o processo de Escuta na Sagrada Escritura, a qual fundamenta o ato fraterno de ouvir o próximo em um diálogo de amor, carinho, atenção, justiça e sem preconceitos.

Palavras-chave: Escuta, atenção, diálogo, pastoral, amor.

ABSTRACT

The Theology of Listening in the Holy Scriptures moves towards Jesus Christ. It is a Listening of surrender to the One and Triune God, an imperative to put in practice the divine teachings with adoration, fear, and love. This practice reaches the ears and points to the Lord as a priority over all things, in an obedient listening to divine's commandments. In this sense, listening is not only a human sense of sounds perception, but also an intense way of understanding the divine's plans with a commitment to the prayer practice. The Listening of God is a double path, where you hear and are heard. From this same perspective, the Christian must be available to listen to his brother in Christ. Therefore, listening to others is necessary and can happen in the Pastoral of Listening, a pastoral service offered by the Church which makes it possible to meet someone willing to listen to what suffocates the brother. Therefore, in this undergraduate thesis, the process of Listening in the Sacred Scripture will be briefly presented and discussed, which underlies the fraternal act of listening to others in a dialogue of love, affection, attention, justice, and without prejudice.

Keywords: Listening, attention, dialogue, pastoral, love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. A ESCUTA NO ANTIGO TESTAMENTO	5
1.1 INTRODUÇÃO.....	5
1.2 A ESCUTA CARIDOSA DE DEUS.....	5
1.2.1 Definição da Escuta	5
1.2.2 O Deus que Dialoga	6
1.2.3 Amor de Deus.....	7
1.2.4 Origem do Diálogo Divino	8
1.3 A ESCUTA QUE LIBERTA.....	11
1.3.1 A Aliança de Deus com Seu Povo	11
1.3.2 O Início da Caminhada à Terra Prometida	12
1.4 A ESCUTA LITÚRGICA NO ANTIGO TESTAMENTO.....	15
1.4.1 A Liturgia no Pentateuco.....	15
1.4.2 A Escuta Litúrgica do Decálogo	16
1.4.3 A Celebração nos Livros Históricos.....	17
1.4.4 A Liturgia dos Profetas e da Literatura Sapiencial.....	18
2. A ESCUTA NO NOVO TESTAMENTO	20
2.1 INTRODUÇÃO.....	20
2.2 A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS QUE LIBERTA	20
2.2.1 Escuta que Liga a Antiga com a Nova Aliança	20
2.2.2 O Início da Nova Aliança.....	21
2.2.3 A Exaltação do Filho do Homem	23
2.3 A ESCUTA DO VERBO ENCARNADO NOS EVANGELHOS.....	23
2.3.1 A Teologia da Escuta nas Núpcias de Caná	26
2.3.2 A Continuação da Escuta da Palavra no Espírito Santo.....	29
2.4 OS TEXTOS ESCUTADOS PELA IGREJA NASCENTE.....	30
2.4.1 A Escuta do Apostolo Convertido.....	31
2.4.2 A Escuta nos Textos de Tiago, Pedro, Judas e João.....	32
2.4.3 A Escuta na Epístola aos Hebreus	34
3. A PASTORAL DA ESCUTA	36
3.1 INTRODUÇÃO.....	36
3.2 A PASTORAL DA ESCUTA: UM SERVIÇO FRATERNAL	36
3.2.1 Definição da Pastoral da Escuta	36

3.2.2	Uma Pastoral que Acolhe Ouvindo	37
3.2.3	Ouvir com Caridade.....	37
3.2.4	Quem é o Próximo que se Escuta?.....	38
3.2.5	O Amor para com o Próximo	39
3.2.6	A Escuta Fraternal do Amador	40
3.3	A PALAVRA DE DEUS NA PASTORAL DA ESCUTA	41
3.4	O NASCIMENTO DA PASTORAL DA ESCUTA	42
3.4.1	Esquema de Implantação da Pastoral da Escuta.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		48

INTRODUÇÃO

Nas Sagradas Escrituras, Deus fala com seu povo e, conseqüentemente, seu povo o Escuta. A partir de então, Israel executa todo ensinamento em um ato de entrega livre a caminho da Terra Prometida, a qual somente os fiéis à vontade do Senhor terão morada. Estes fiéis são os que Escutam a Deus por meio dos Primeiros Pais, Profetas, Juizes, Apóstolos e por Jesus Cristo. A promessa de Deus é para aqueles que o Escutam.

A caminhada do Povo de Israel à Terra Prometida é cheia de ensinamentos voltados para a fé, o amor, o temor de Deus, o respeito, a esperança e o convívio social. A Escuta de Deus pelo povo eleito não é simplesmente um ato de ouvir algo ou alguém, mas sim, no sentido daquele que Escuta e aprende, se colocando a serviço do Senhor porque aprendeu.

Na sociedade de hoje, as pessoas se tornaram mais frias e distantes uma das outras, quer por conta dos afazeres diários, quer por conta de um comportamento polarizado, o diálogo raramente ocorre. A Escuta do outro se torna cada vez mais difícil. As pessoas, cada vez mais, ficam indiferentes ao outro, vivendo em uma bolha, em que somente sua verdade sobressai. Assim, a capacidade de amar prestando atenção no outro acaba se esgotando, intensificando a discórdia, rancor, divergências e indiferenças. Pois se falta amor, falta Deus, porque Ele é amor (cf. 1Jo 4,8.16).

O diálogo é imprescindível para o bem viver em sociedade. Em vista disso, deve-se escutar o próximo, porque ele é importante. Assim, o princípio fundamental para se viver bem é ouvir, possibilitando, com isso, dialogar com amor e contemplar no outro sua alegria de poder estar realmente participando da vida em comum. A Igreja sempre nos ensina que, para se viver conforme os ensinamentos do Senhor, é necessário amar o próximo como a si mesmo (cf. Mc 12, 30s), é necessário conhecer, entender e estar no lugar do outro, um requisito para amar. O processo de Escuta é o primeiro método a ser adotado como um ato de acolhida. É importante ouvir o outro de coração aberto e sem preconceitos. A Escuta do próximo é um ato de amor e dedicação ao serviço da Igreja.

Entender como ocorre o processo de Escuta na Palavra, sob a Luz da Tradição e do Magistério da Igreja Católica, proporciona a observação de como esse sentido humano gradativamente apresenta Deus e Seus ensinamentos, algo que visa a salvação da humanidade. Conhecer e colocar em prática tudo o que Deus transmitiu proporciona uma melhor convivência social, principalmente e de forma gradual, buscando ser um cristão cada vez melhor, ouvindo e aplicando os ensinamentos da Sagrada Igreja. Em síntese, entender o processo de Escuta de Deus e de Seu Povo faz com que o homem possa viver melhor em sociedade e ser mais fraterno.

A Escuta de Deus acontece constantemente porque a Palavra é gerada em cada pessoa que ouve o Senhor. A exemplo de quando o Anjo aparece para Maria, que a informa que seria a mãe do Filho de Deus, e ela responde com seu “sim”, marcando a História da Salvação por gerar a Palavra feito carne em seu ventre, Jesus Cristo. Assim pode-se inferir que a Mãe de Deus concebeu pelo ouvido, na sua Escuta obediente recebe a Palavra. Nesta perspectiva, pode-se entender também que Jesus, a Palavra Viva, é concebido tantas vezes quantas forem necessárias em cada ser humano, através da pregação, pela Escuta. A Palavra entra nos ouvidos para ser fecundada no coração, nascendo um novo homem, uma nova mulher. Uma pessoa cheia do Espírito Santo, uma pessoa que vive os valores evangélicos, ou seja, alguém que ouve a Boa Nova e a põe em prática. Deus “se” gera, de forma amorosa, na pessoa humana pela Escuta e o coloca na sua relação filial. Pela Escuta nasce o homem e a mulher de fé.

O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Teologia tem como fundamento principal refletir sobre o tema da Escuta presente na Bíblia e sua repercussão na atualidade, de forma sucinta e objetiva. Vale ressaltar que a revisão bibliográfica será o alicerce desse trabalho sob a luz da Tradição, Sagrada Escritura e Magistério da Igreja.

O trabalho realizado está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo será apresentado e discutido o *Shemá* Israel, um Deus que fala, e seu povo ouve e vive seus ensinamentos. No segundo capítulo, será discutido como a Escuta aparece no Novo Testamento, o *akouo*, uma Escuta que aprende. Por fim, o último capítulo abordará a Escuta do próximo, uma forma de diaconia de grande importância. Nessa perspectiva, é aconselhável proporcionar o diálogo saudável e de confiança, acolhendo e oferecendo o ouvido para que o outro se sinta melhor. Para isso, é preciso observar os principais pontos da Teologia da Escuta na Sagrada Escritura e como ela pode repercutir e refletir na Escuta do próximo.

1. A ESCUTA NO ANTIGO TESTAMENTO

1.1 Introdução

O *Shemá*, uma expressão encontrada no Antigo testamento (cf. Dt 6,4)¹, é mais que uma palavra de atenção, ou uma escuta de alguém, é uma oração significativa para o povo escolhido de Deus. Israel é chamado para ouvir seu único Deus: “Ouve, Israel: Iahweh é nosso Deus. Iahweh é um.” Esta frase é uma declaração que enfatiza a escuta e a fé na unicidade de Deus. Essa oração permite ao povo escolhido lembrar que Deus deve ser amado e adorado de todo o coração, força e entendimento. O *Shemá* serve como uma declaração de fé monoteísta, que destaca a importância da devoção a Deus, priorizando o relacionamento acima de tudo ao Senhor, em um processo de escuta perfeita e obediente aos mandamentos divinos.

Nesse primeiro capítulo, será explorado o significado e a importância do *Shemá* como um ato de entrega, revelação e adoração ao Senhor, em que a promessa é para aqueles que escutam e colocam em prática tudo o que Deus ordena. Esse ouvir não é somente um ato passivo da audição humana, mas um ato ativo de engajamento espiritual e reflexão sobre a presença, unidade e unicidade de Deus, que aponta para a obrigação de amar e seguir ao Senhor. Escutando a Deus, é possível lembrar constantemente da centralidade da fé em um Deus único e na identidade do povo. Em suma, a escuta de Deus é uma declaração de fé e um compromisso divino que molda a espiritualidade, demonstrando o poder duradouro da escuta atenta que relaciona com o divino.

1.2 A Escuta Caridosa de Deus

1.2.1 Definição da Escuta

O *Shemá*, Israel é uma expressão com um abrangente significado, que quer dizer: Ouve, Israel! Essa expressão está presente no Texto Sagrado² (cf. Dt 6,4-9; 11,13-22; Nm 15,37-41) como uma forma de oração do Povo de Deus³, que mais tarde firmou-se tanto na Tradição Judaica como também na Cristã.

¹ Em todo o texto desse trabalho foi utilizado a tradução da BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989 como referência das citações.

² Neste trabalho, quando diz Texto Sagrado, Bíblia ou Palavra dentro de um contexto Escriturístico se refere ao Texto Sagrado Cristão ou Bíblia de viés Católica.

³ Povo de Deus ou Povo são os hebreus escolhidos por Deus para herdar a Terra Prometida.

Vale destacar que o verbo “*Shemá*” (Antigo Testamento) ou “*akouo*” (Novo Testamento) faz referência ao ato de ouvir, escutar, atender, prestar atenção, aquiescer, obedecer, acatar, observar, saber, conhecer, compreender, entender, aceitar, receber e ficar sabendo. Torna-se oportuno ressaltar que o termo está empregado no imperativo porque escutar é uma ordem para Israel⁴.

Poder ouvir possibilita a humanidade ter acesso a revelação, por isso, escutar a Palavra é algo fundamental para o povo de Deus (cf. Is 1,10). As expressões apontadas ao longo do Texto Sagrado sobre o ato de ouvir podem indicar o escutar de algo mais profundo, um apreender; como também uma percepção do sentido de ouvir com os ouvidos, algo físico. Logo, a escuta da Palavra se realiza quando se obedece à vontade de Deus, ou seja, não é somente um ato de ouvir com os ouvidos, mas escutar com o coração em uma fé monoteísta, bem como, colocar em prática todos os ensinamentos divinos⁵.

1.2.2 *O Deus que Dialoga*

Quem são os agentes que falam e quem são os que escutam no Texto Sagrado? Desde os primeiros versículos da Bíblia, na criação, Deus é quem inicia a fala, é o precursor de tudo, o criador, o Pai, incriado, invisível, não existe nada antes dele. Nesse princípio de criação entende-se que o Pai é o formador, porém, não estava sozinho, a Trindade “é” desde o ato da criação.

Desse modo, “O céu foi feito com a palavra de Iahweh, e seu exército com o sopro de sua boca” (Sl 33,6), ora, “Deus exerce a sua atividade criadora através da sua Palavra e da sua Sabedoria ou Espírito”⁶. Logo, quando Deus fala não é possível executar tal ação sem a Palavra, o Verbo, que junto com ela vem o Sopro, porque o que nasceu de Deus é Deus. Assim, Deus Uno e Trino utilizando-se do “Façamos” (Gn 1,26) para expressar a criação da humanidade e, por isso, é a própria Trindade que é escutada no processo de criação⁷.

⁴ QUIRINO, A. T. Teologia da escuta: palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUCRio. Rio de Janeiro, 2022, p. 69.

⁵ FIGUEIRINHA, V. E. M. Do Cristo que fala à Igreja que escuta Estudo exegético-pastoral da trilogia “conhecer”, “dizer” e “ouvir” em Ap 2-3. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Programa de Pós-graduação em Mestrado Integrado em Teologia. Lisboa, 2012, p. 75-76.

⁶ LYON, I. Patrística: Demonstração da Pregação Apostólica. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2014, p.17.

⁷ LYON, I. Patrística: Contra as Heresias. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21.

Durante a Patrística, ou seja, nos primeiros séculos da era cristã, “Irineu afirmava que Jesus Cristo, o Filho de Deus, e o Espírito Santo estavam eternamente com Deus, que o Cristo e o Espírito são as “duas mãos” da atividade divina de Deus, na criação e na história humana”⁸.

1.2.3 Amor de Deus

O amor de Deus e para Deus é evidente na caminhada rumo à Terra Prometida, a relação desse amor divino e a observância de seus mandamentos estão intimamente ligadas. O texto do Antigo Testamento, que aborda esse amor insondável, é elencado no *Shemá*, Israel (cf. Dt 6,4-9), um ouvir que expressa fidelidade, a Aliança com Deus, ou seja, temer ao Senhor. Um temor que passa por tudo aquilo que sentiram das manifestações divinas, como as Teofanias. O temor é submissão à vontade de Deus, sem exceções e de forma incondicional (cf. Ex 20,20), na obediência em executar suas determinações (cf. Dt 6,2-5; 10,12-15; Gn 22,12), algo que responde ao amor que Deus tem por Abraão e sua descendência (cf. Dt 4,37), ou seja, temer a Deus é o receio de se distanciar do Seu amor⁹.

Por temer a Deus, Israel deve se lembrar constantemente do amor divino, por isso, é que Moisés afirma: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!” (Dt 6,4). Essa expressão demonstra o amor a um Deus único, monoteísta, uma fé explicada na eleição e na Aliança. “Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força” (Dt 6,4), esse amor não é possível de escolha, porém um mandamento, um mesmo amor de Deus para com seus eleitos, o qual é necessário temer a Deus o servindo e observando sua Lei. Mais tarde Jesus aponta que esse amor é o maior de todos os mandamentos (cf. Mt 22, 37), um amor filial e serviçal¹⁰.

Amar a Deus e a observância dos seus mandamentos são condutas que não são possíveis de serem separadas. Amar é temer, mas também é seguir ou servir a Deus, resumindo, Amar é escutar ao Senhor em uma postura de prontidão. Essa relação entre Deus e seu povo é a mesma de um Pai para com seu filho (cf. Dt 1,31; 8,5). Um amor familiar, em que Deus gera sua família, carregando valores do genitor fundamentais para a vida, logo, a correção é parte do amor para que seus filhos não desviem da centralidade moral. A relação de Pai e filho pressupõe

⁸ LYON, I., 2014, p. 13.

⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Bíblia Sagrada: Tradução oficial da CNBB. 1.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019, 1989, p.131, 266.

¹⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, p. 266.

a não contestação patriarcal, exercendo de forma protetora, fiel e solidário sua posição como chefe de família, tornando o ambiente cordial e com muito afeto¹¹.

O amor entre Deus e seu povo também está relacionado ao do escravo e seu Soberano, a quem se deve a vida e, assim, o vassalo se coloca de forma submissa. Nitidamente se observa a superioridade do Soberano ou do Pai em relação a seu escravo ou filho. Então, mesmo um filho ou escravo não contestam as ordens ou ensinamentos, mostram-se fiéis, leais e gratos, mesmo porque a ligação pai-filho e soberano-escravo é muito forte e equivalente; o filho ou o escravo são inteiramente dependentes do pai ou soberano. Assim, o amor pressupõe o servir, ser servo, se colocar a serviço do outro, por isso “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv19,18), amar é doação, se doar, estar pronto para doar sua vida em favor de seu Soberano¹².

1.2.4 *Origem do Diálogo Divino*

Como pode ser observado, a relação de Deus com a humanidade se inicia com a criação, Ele fala pela primeira vez, como relatado no Texto Sagrado, “Haja luz” (Gn 1,3) logo após ter criado o céu e a terra.

A voz do Senhor também foi ouvida no momento da criação do casal Adão e Eva, o homem e a mulher. Deus cria a humanidade e os informa que seu sustento poderá ser tirado da natureza. Quando o homem, Adão, foi criado, Deus lhes disse “podes comer do fruto de todas as árvores do Jardim, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente” (Gn 2,16s), vale destacar que no Antigo Oriente Médio, o fato de alguém não conhecer a morte, o tornava um deus, pois somente os deuses eram imortais. Em uma ótica parecida, Deus fez o homem incorruptível (cf. Sb 2,23; Rm 5,12), então, na tradição teológica cristã a morte é resultado do pecado¹³.

Posteriormente, Deus cria a mulher, Eva, pois não era bom que o homem estivesse sozinho (cf. Gn 2,18-23) e foi justamente ela quem foi seduzida e enganada pela serpente, o mal, com uma voz sedutora, diz meias-verdades, oposta a Deus, que o invejando, faz cair na morte o ser humano¹⁴. Eva escutou a pessoa errada e caiu no pecado junto com seu Esposo.

Quando o Senhor faz a determinação para não comer o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, é para proteger a humanidade de uma possível vontade de se igualar a Deus,

¹¹ BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E. (ed.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. São Paulo: Paulus. 2007, p.66-67.

¹² BROWN, R. E., et.al. (ed), 2007, p.67-68.

¹³ BROWN, R. E., et.al. (ed), 2007, p.67.

¹⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993, n.391.

impondo limites para que eles compreendessem a ordem divina e entendessem sua condição humana de criatura em uma escuta obediente, porém, desobedeceram, pois, se não escutar o Senhor, irão conhecer a morte. Ou seja, o pecado é consequência de não escutar a Deus, logo a humanidade quebra um pacto divino causando desarmonia na criação¹⁵.

Por isso que Adão e Eva, quando ouviram o Senhor se aproximar (cf. Gn 3,8), sentiram a presença de Deus, um escutar com o sentimento e, por isso, se escondem, porque perceberam suas condições humana e pecadora.

Este pecado iniciado pelo mal e concretizado pela humanidade foi acolhido por causa principalmente da dificuldade de saber ouvir a pessoa certa. A serpente fala para a mulher “vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,1-6) e Eva cai no pecado juntamente com Adão, que queria saber o que poderia ser bom ou ruim para ele próprio, não sendo mais dependente de Deus, ou seja, o pecado do orgulho, que toda a humanidade carrega desde aquele momento de desobediência¹⁶.

A queda consiste na livre opção destes espíritos criados, que radical e irrevogavelmente recusaram Deus e o seu Reino. Encontramos um reflexo desta rebelião nas palavras do tentador aos nossos primeiros pais: Sereis como Deus (Gn 3, 5). O Diabo é pecador desde o princípio (1 Jo 3, 8), pai da mentira (Jo 8, 44)¹⁷.

Então toda a humanidade é pecadora, logo, sujeita à morte por intermédio de Adão e de modo contrário vem Cristo que pela obediência apontou o caminho da vida eterna (Rm 5,12-21; 1Cor 15,20-22), por Adão entrou a morte e por Cristo entrou a vida eterna. Adão ouviu o mal porque queria o conhecimento absoluto da verdade e Cristo não ouve o mal, porque já é a verdade (Mc 1,12-13; Lc 4,1-13).

Assim, observa-se a importância da escuta, do discernimento de quem se deve ouvir, quem transmite a verdade e não mentiras ou meias-verdades. Atitudes essas que tem como objetivo interesses particulares e não o divino. Por ambição, o ser humano cai no pecado. A mulher quis ouvir quem não deveria, ouviu uma mensagem direto do mal a quem queria ludibriá-la, falando que Deus havia passado uma determinação que foi mal interpretada pelos primeiros pais, ou seja, a mensagem não seria muito bem como haviam entendido de Deus.

¹⁵ QUIRINO, A. T., 2022, p.71.

¹⁶ HAHN, S; MITCH, C. O livro do Gênesis: Cadernos de estudo bíblico. 1ª ed. Campinas: ECCLESIAE, 2015, p.41

¹⁷ CEC n.392.

O Espírito Santo permite-nos discernir entre a provação, necessária ao crescimento do homem interior em vista duma virtude comprovada e a tentação que conduz ao pecado e à morte. Devemos também distinguir entre ser tentado e consentir na tentação. Finalmente, o discernimento desmascara a mentira da tentação: aparentemente, o seu objeto é bom, agradável à vista, desejável (Gn 3, 6), quando, na realidade, o seu fruto é a morte¹⁸.

Será que Eva teria pensado que o homem pudesse ter compreendido de forma equivocada a mensagem de Deus e repassado a informação como havia entendido? Quem recebeu a mensagem foi o Adão, antes da criação de Eva, seria esse o motivo de sua queda ao pecado? Provavelmente não, o ser humano caiu, entendendo o que estava fazendo, queria se igualar a Deus, foi ambicioso e invejoso. Essas indagações evidenciam a importância de ouvir a informação na sua origem e interpretá-la na verdade. Nesse sentido, observa-se a proeminência da interpretação bíblica, algo que é de competência do Sagrado Magistério da Igreja Católica, a quem escuta a Sagrada Tradição, que ouve corretamente aquilo que o Senhor quis transmitir e repassa de forma fidedigna. Então:

A morte é consequência do pecado. Intérprete autêntico das afirmações da Sagrada Escritura e da Tradição, o Magistério da Igreja ensina que a morte entrou no mundo por causa do pecado do homem. Embora o homem possuísse uma natureza mortal, Deus destinava-o a não morrer. A morte foi, portanto, contrária aos desígnios de Deus Criador e entrou no mundo como consequência do pecado. A morte corporal, de que o homem estaria isento se não tivesse pecado, é, pois, o último inimigo (1 Cor 15, 26) do homem a ter de ser vencido¹⁹.

Como criador, Deus tem a supremacia sobre suas criaturas, logo, se não escutar sua Palavra, enfrentará o julgamento e a morte. Por outro lado, quando se ouve e obedece ao Senhor, a vida eterna é a esperança líquida e certa.

A fé pressupõe conhecimento, então é necessário que essa fé seja revelada e transmitida de geração em geração. No primeiro momento, a pessoa escuta sobre Deus e seus ensinamentos e, posteriormente, em um processo de amadurecimento da fé dentro de si, passa a entender o objeto de sua crença e divulgar aquilo que sente, ocorre aqui a transmissão da fé. Nesta perspectiva, é necessário conhecer o Senhor e compreender sua Palavra, algo que pode ser buscado com a leitura orante da Bíblia e pelas pregações dos escolhidos de Deus.

A escuta da Palavra conduz a pessoa ao compromisso com o Senhor, seguindo suas determinações, isso porque tem fé. O ser humano não seria capaz de buscar por suas próprias forças conhecer a Deus, porque é sempre Ele quem toma a iniciativa de falar e de escutar, Deus

¹⁸ CEC n. 2847.

¹⁹ CEC n. 1008.

se revela. Deus, como visto anteriormente entre Adão e Eva, estabeleceu uma relação de amor com os homens e mulheres.

Assim, Deus fala para a humanidade, de forma individual ou coletiva, sempre em prol de seu Reino. Porém, quando o homem ouve a voz de Deus, tem a liberdade de escolha em acatar ou não essas determinações, e tais escolhas tem consequências reais quando não se escuta com os ouvidos e o coração ao Senhor. Escutar o Senhor e colocar tudo em prática, em uma adesão total a Ele, é o princípio fundamental da Aliança com Deus, sendo obediente a seus ensinamentos e imposições, algo primordial para sentir o amor divino, pois quem ama educa, corrige, põe limites e pede obediência²⁰.

1.3 A Escuta que Liberta

1.3.1 A Aliança de Deus com Seu Povo

Uma aliança é um acordo firmado com e diante de Deus e as partes por Ele escolhida. A aliança divina é um compromisso que Deus firma de forma não bilateral, algo observado em Noé (cf. Gn 6,18), Abraão (cf. Gn 15,17), com seu povo (cf. Ex 19,1ss) e a Nova Aliança (cf. Mt 26,28s; Hb 9,15ss)²¹.

À Noé, Deus faz uma promessa (cf. Gn 6,18) estendida a toda criatura e que pressupõe sua aceitação, esta aliança tem o arco-íris (cf. Gn 9,13) como sinal, transmitindo a informação do fim das tempestades, logo, o mundo não será mais destruído. Após tudo isso, Noé escuta e põe em prática as determinações transmitidas por Deus²².

A história de Deus com seu Povo inicia-se com a aliança de Abraão com Deus. Abraão ouve e acolhe com obediência os desígnios do Senhor, diferentemente do primeiro casal da criação, Adão e Eva, que foram desobedientes. Abraão, juntamente com a multidão de seus filhos, cumprem as determinações divinas na certeza de que Deus estará ao seu lado em toda a caminhada.

Ao longo do Texto Sagrado é possível observar que o Senhor acolhe com misericórdia e amor toda a humanidade, por isso pela escuta que se tem salvação, então o “*Shemá*, é, pois, a expressão da presença do Deus que fala, e sua Palavra desperta a consciência de quem escuta”²³.

²⁰ QUIRINO, A. T., 2022, p.70.

²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, p 43.

²² BROWN, R. E., et.al. (ed), 2007, p.76.

²³ QUIRINO, A. T., 2022, p.72.

Deus fala e o temente Abraão, juntamente com seus descendentes, escutam (cf. Gn 12,1-5; 17,1-10) o chamado divino para uma nova terra e, se aderirem a essa escuta do Senhor, teriam muitas bênçãos (cf. Gn 12, 1.23). Abraão mostrou-se ser fiel e obediente, aderiu ao chamado divino, pois era capaz de sacrificar seu filho por amor ao Senhor (cf. Gn 22, 1-19). Logo, o Povo de Israel se colocou a caminhar com o Senhor a quem fez uma Aliança na pessoa de Abraão²⁴.

Como pode ser observado, a escuta é um dos principais temas apontado no Texto Sagrado. É pela escuta que Deus se revela e estabelece a Aliança. Deus deixa ser conhecido. O processo da revelação é algo de suma importância para a fé e, conseqüentemente, possibilita ao povo amar a Deus e escutar somente ao Senhor, não ouvindo mais o mal, que seduz e faz com que o homem caminhe para a morte. A revelação possibilita ao ser humano entender sua dependência divina, ou seja, a escuta do Senhor “transforma”; o contrário “deforma”²⁵.

Deus se deixou conhecer e ser escutado, teve a iniciativa de estabelecer uma aliança com seu povo, firmada no compromisso e obediência da Lei, algo que passa ser o conteúdo principal do Antigo Testamento, à medida que progride a assimilação daquilo que escutam do Senhor.

1.3.2 *O Início da Caminhada à Terra Prometida*

O povo de Deus, os filhos de Israel, quando não ouviram ao Senhor, deixam de servir ao Deus Uno e Verdadeiro para servir ao Faraó, a quem atua contra a promessa de uma grande descendência, por isso, Israel precisa sair do Egito para escutar e servir ao seu único e verdadeiro Deus²⁶.

O Faraó atua como um deus, o novo senhor, ele os escraviza; enquanto Deus os quer livres. Israel vira escravo no Egito com trabalhos forçados e com muitas mortes provocadas pelos egípcios (cf. Ex 1,1-12). Como estavam sofrendo no Egito, Israel pede ajuda ao Senhor, que escuta seu povo na lembrança da Aliança estabelecida com Abraão, Isaac e Jacó (cf. Ex 2,24)²⁷.

²⁴ HAHN, S; MITCH, C., 2015, p.41.

²⁵ HAHN, S; MITCH, C., 2015, p.67.

²⁶ BROWN, R. E., et.al. (ed), 2007, p.133.

²⁷ QUIRINO, A. T., 2022, p.72.

Diante de tanto sofrimento, Deus toma a iniciativa de falar com Moisés no monte Horeb, quando ele estava pastoreando o rebanho de seu sogro, Jetro, na região montanhosa do deserto. Na sarça ardente, o Senhor chama Moisés para libertar o povo de Deus (cf. Ex 2–3).

A história da escuta de Deus a Moisés é um evento central no Antigo Testamento e que marca o início da missão de liderança de Moisés no resgate dos filhos de Israel da escravidão no Egito.

Deus falou com Moisés diante da sarça ardente, o chamando pelo nome, “Moisés, Moisés!”, e ele escutou ao Senhor respondendo, “Eis me aqui”, mostrando sua adesão aos propósitos de Deus. Moisés reconhece a santidade daquele local onde conheceu o Deus de Abrão, Isaac e Jacó. Posteriormente, ele escuta e executa todas as determinações divinas na certeza de que Deus sempre estaria com ele naquela caminhada, pois, o próprio Deus fez essa afirmação (cf. Ex 3,3s).

Moisés tinha a missão de libertar os israelitas da escravidão no Egito, ou seja, foi enviado como mensageiro e para liderar o povo de Deus. Ele escutou a voz de Deus e transmitiu tudo o que ouviu com autoridade dada pelo próprio Senhor a Israel. Deus prometeu o melhor para seu povo, mas tem que ouvi-lo mediante Moisés. Deus disse a Moisés: "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito, ouvi o seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que emana leite e mel" (Ex 3,7s).

Deus é quem ouve primeiro. O Senhor sabe de todas as necessidades do seu povo, a quem libertou da escravidão no Egito ouvindo seus clamores. Assim, essa mesma escuta de Deus do Antigo Testamento remete para os dias atuais, em que os fiéis clamam ao Senhor na esperança de serem atendidos no tempo divino. A pedagogia de Deus é marcada pela escuta divina, para que com o seu exemplo, toda a humanidade possa também escutar seus irmãos²⁸.

Para que um diálogo ocorra é importante se apresentar, conhecer o outro, isso fez Moisés perguntando qual era o nome de Deus, que respondeu: "Eu sou o que sou" (Ex 3, 14), "Iahweh", "Javé", “Senhor”, então Deus se revela facilitando o processo de escuta e transmissão dos mandamentos divinos (cf. Ex 3, 13s). Todo esse contexto mostra que o chamado de Moisés se firma na escuta obediente de Deus, mesmo enfrentando problemas, desafios e incertezas, sempre Deus estará com os que são fiéis aos seus desígnios. Moisés, nesse ato de escuta atenta à voz divina e submissão à vontade de Deus, se destaca como um dos mais importantes líderes e profetas relatados no Texto Sagrado.

²⁸ PEREIRA, J. C. Pastoral da Escuta: por uma paróquia em permanente estado de missão. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2013, p.14.

Moisés aceitou o chamado de Deus, porém, teve dúvidas e fez um questionamento: “Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os israelitas?” (Ex 3,11). Moisés sabia que não era suficiente para convencer o faraó, ao menos escutá-lo já seria algo muito difícil. Por isso, Deus escuta sua indagação encorajando o seu servidor a realizar sua missão e o assegura que estaria com ele todo tempo, como por exemplo, nos sinais da presença divina, quando a vara de Moisés é transformada em uma serpente e depois novamente em vara, a “vara de Deus” que será em momentos de aflições instrumento de prodígios (cf. Ex 7,20; 9,22s; 10,13s)²⁹.

Assim, Moisés, sana suas dúvidas escutando ao senhor, aceitou ser líder e profeta, a própria voz de Deus (cf. Ex 4,11), foi por ele que os Israelitas puderam escutar a Deus, tornando o principal religioso na história do povo judeu.

Moisés é exemplo de fé e liderança na tradição religiosa judaica, pois escutou obediente e atento ao chamado e a vontade divina. O processo da escuta de Moisés foi emblemático porque marcou sua liderança a frente dos israelitas com o objetivo de libertar o povo de Deus dos opressores.

A fé do povo de Israel está alicerçada em seu entendimento que Deus escuta seu clamor e acompanha o sofrimento, desde quando foi liberto da escravidão no Egito e posteriormente conduzido pelo deserto. Em todos os momentos dessa caminhada Deus escutou as murmurações (Ex 16,7-9.12) e respondeu em imediato, como fez quando alimentou os israelitas com maná e as codornizes (Ex 16,13-17)³⁰. Ao longo dos séculos, essa caminhada para a Jerusalém Celeste acontece com cada pessoa em seu tempo cuja lamentações são escutadas e respondidas por Deus, algo que necessita da adesão, obediência e intimidade, mediante a oração com o Senhor.

Contudo, a escuta da Lei e sua prática está vinculada a Palavra de Deus e as provações fazem parte do processo de aprendizagem do povo, em que Deus molda o coração dessas pessoas para seguir sempre em frente após as quedas que tiveram ao longo da caminhada para a Terra Prometida, por isso, a cada vez que seu povo se afasta de Deus, o Senhor chama-os novamente para a centralidade, ou seja, ser obediente ao seu Único e Verdadeiro Deus.

A Teologia da Escuta entende a renovação da Aliança de Deus com os israelitas (cf. Ex 19–24) como uma liturgia, uma assembleia celebrada ao chegar no monte Sinai, foi uma celebração do processo de saída da escravidão. Nesse local, o povo de Deus acampa e Moisés vai encontrar e conversar com o Senhor na sua glória (cf. Ex 19,1- 3), o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacó, assim insere o povo como herdeiros da promessa realizada à Abraão e a sua descendência (cf. Gn 12,2-3). Nessa assembleia, os israelitas se reúnem para escutar a Palavra do

²⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, p 107.

³⁰ QUIRINO, A. T., 2022, p.73.

Senhor, uma celebração de oração e renovação da Aliança de Deus, apontando que a Lei e seus desígnios são de suma importância para continuar nessa caminhada (cf. Ex 19,5-6)³¹.

No Monte Sinai foi celebrada a aliança com os israelitas e Deus apresenta a lei que reafirma o compromisso de Deus com o povo de Israel deixando claro a importância de obedecer aos Seus mandamentos. Através dessa aliança, Deus estabeleceu os pontos básicos e determinantes para a vida em santidade e a adoração. Portanto, é de extrema importância e necessidade que os israelitas se lembrem dessa aliança constantemente e não se rendam a idolatria, adorar somente a Deus, além disso, o templo é a casa de Deus, então, o cuidado com esse espaço sagrado é fundamental, por isso, Deus espera que Seu povo sempre o escute e seja fiel.

1.4 A Escuta Litúrgica no Antigo Testamento

1.4.1 A Liturgia no Pentateuco

Moisés celebra a liturgia quando desce da montanha com os mandamentos divinos e transmite tudo o que foi escutado para os israelitas, os quais prontamente aderem as determinações em um pacto entre Deus e seu Povo por intermédio do celebrante Moisés (cf. Ex 19,8). O povo de Deus, pela escuta atenta da Palavra, obedece a tudo o que estava escrito no livro litúrgico lido por Moisés, assim Israel promete praticar o que havia ouvido (cf. Ex 24,7). Na celebração, Moisés asperge o povo e o altar com o sangue de um novilho (cf. Ex 24,8), um rito que celebrou a renovação da Aliança, um contrato entre as partes com o sangue que representa a vida e o altar o próprio Deus, logo sem a escuta da Palavra o pacto não seria concretizado³².

A celebração do rito continua, algo que se observa nos livros do Pentateuco, em que o sacrifício e a santidade são pontos determinantes para o povo. No livro do Levítico a santidade é a centralidade, porque se Deus é Santo, seu povo também é chamado para a santidade pela escuta, o *Shemá*. Com isso, Israel busca a santidade, não a divina que está ligada a transcendência, mas à ligada a ética, assim tenta manter a pureza moral e ritual, honrando o culto e sendo fiel³³.

No livro de Números tem-se uma narrativa da lei de forma histórica, fazendo uma conexão dos livros do Êxodo, Levítico e Deuteronômio, em que depois da Aliança e da instrução aos sacerdotes, o povo aprende a servir a Deus e a chamá-lo nos momentos de dificuldade,

³¹ QUIRINO, A. T., 2022, p.73-74.

³² QUIRINO, A. T., 2022, p.74.

³³ QUIRINO, A. T., 2022, p.75.

porque o Senhor escuta suas aflições (cf. Nm 11,3; 20,16). Assim Israel começa a compreender a escuta como ordem de Deus e conseqüentemente entende o que é amar a Deus e ao próximo. Ademais, Deus apresenta meios para que seu povo se lembre e cumpra todos os mandamentos (cf. Nm 15,37-41), instrução essa de Deus e que faz parte da oração do *Shemá* (cf. Dt 6,4)³⁴.

O livro do Deuteronômio apresenta inicialmente os fatos históricos até aquele momento (cf. Dt 1,1-4,43) para depois proclamar a Lei deuteronômica (cf. Dt 4,44-28,68), sancioná-la e fazer uma a exortação final (Dt 28,69-34,12)³⁵.

Nesse livro, apresenta o mais importante mandamento da Lei, o *Shemá* (cf. Dt 6,4), que proclama a fé em um único Senhor e Israel é o povo da Aliança. Escutar a Deus é entender sua fala no meio do fogo e que se revela na Aliança (cf. Dt 4,10-13.36; 5,22). A escuta tem uma concepção teológica, com um convite, ou melhor, uma convocação de que o “Senhor é uno” (Dt 6,4b) e que se deve amá-lo (cf. Dt 6,5ss). Assim, ensinando que Israel tem um único Deus (cf. Dt 4,35.39) demonstra a sua eleição divina (cf. Dt 4,37) tendo como mediador, Moisés (Dt 5,27), que escuta Deus (Dt 5,26) e posteriormente transmite as informações³⁶.

Com isso, Deus demonstra que quer ser escutado e a ninguém mais, algo que passa a ser prerequisite para colher os frutos da promessa divina. Muitas pessoas querem incessantemente atingir suas metas, porém não param um momento para ouvir a voz de Deus e tão pouco ouvem os irmãos, é somente com o processo de escuta que se entende o melhor caminho a ser tomado. Não é possível ouvir aos irmãos se é incapaz de ouvir primeiro a Deus com fé³⁷.

1.4.2 A Escuta Litúrgica do Decálogo

O Decálogo, também conhecido como os Dez Mandamentos, é um conjunto fundamental de leis com princípios morais e éticos proferido por Deus e escutado por Moisés, que depois transmite para o povo de Deus. Tais relatos estão presentes no Antigo Testamento, especificamente nos livros do Êxodo (cf. Ex 20,1-17) e Deuteronômio (cf. Dt 5,6-21). Essas leis são consideradas sagradas e sua adesão é prerequisite para a Terra Prometida.

Com a autoridade dada por Deus, Moisés fala para o povo: “ouve, ó Israel, os estatutos e as normas que hoje proclamou aos vossos ouvidos. Vós os aprendereis e cuidarei de pô-los em prática” (Dt 5,1), ou seja, ele determina que Israel escute, aprenda, guarde e cumpra tudo

³⁴ QUIRINO, A. T., 2022, p.75-76.

³⁵ QUIRINO, A. T., 2022, p.76.

³⁶ QUIRINO, A. T., 2022, p.76-77.

³⁷ PEREIRA, J. C., 2013, p.14-15.

aquilo que for transmitido (cf. Dt 5,1-11,32) com um destaque para os dez mandamentos (cf. Dt 5, 6-33). A aliança é identificada com o decálogo e começa com as palavras: "Eu sou Iahweh teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão" (Dt 5,6). O Senhor exige obediência porque estabeleceu uma relação de proximidade com o seu povo, além disso, é o Soberano.

A base da verdadeira fé do povo está no "teu Deus" (Dt 5,6), é uma fórmula de autorrevelação, o único Deus em uma relação paternal, entre o pai e seus filhos, além disso, tirou esse povo da servidão, portanto espera obediência à sua Lei.

1.4.3 A Celebração nos Livros Históricos

Os livros históricos do Antigo Testamento frequentemente evidenciam a aliança entre Deus e o povo de Israel, deixando claro a promessa do Senhor em ouvir e responder às orações, mas primeiro deve existir um ouvir e seguir os caminhos de Deus por parte do povo. Nesse sentido, a escuta é um compromisso de vital importância na relação de Deus com Israel.

A escuta nos livros históricos destaca que a relação entre Deus e o povo de Israel deve ser na obediência, ouvindo não somente com os ouvidos, mas também com o coração e a razão, reconhecendo a autoridade divina e o dever de se viver de acordo com a vontade de Deus.

Nesses livros e em especial de Josué e Neemias, a escuta da Palavra de Deus desempenha um papel central nas grandes assembleias do povo de Israel, sendo um momento de renovação da Aliança entre Deus e Israel, onde a Palavra de Deus é proclamada com o povo assumindo o compromisso e adoração.

A Teologia da Escuta litúrgica está ancorada na escuta da Palavra de Deus como acontecimento salvífico, logo, a assembleia de Siquém (cf. Js 24,1-28) apresenta de forma expressiva, em que Josué fala tudo o que Deus fez desde os tempos dos patriarcas até a conquista da Terra Prometida. Em seus discursos, ele aborda o ato de escolha pessoal em servir a Deus e o povo responde positivamente a esse chamado. Essa assembleia enfatiza a importância da escuta da Palavra de Deus e do compromisso com a Aliança³⁸.

Na assembleia liderada por Esdras (cf. Ne 8,1-12), o povo se reúne para ouvir a leitura da Lei uma profunda liturgia sendo celebrada. Esdras explica a Lei, enquanto o povo escuta com atenção e responde com um "Amém". Todos demonstram um profundo respeito pela Palavra de Deus, em que após a leitura, o povo celebra com alegria o momento de partilha,

³⁸ QUIRINO, A. T., 2022, p.73-80.

destacando a importância da escuta da Palavra de Deus, da renovação da Aliança e do compromisso com a obediência a Deus. A Palavra de Deus é o centro das reuniões, e a resposta do povo é fundamental para a compreensão da fé e da prática religiosa em Israel. A escuta atenta da Palavra e a obediência à Aliança são valores fundamentais que permeiam essas histórias³⁹.

Samuel se coloca em atitude de escuta a Deus dizendo ao Senhor: “Fala, que teu sevo escuta” (1Sm 3,9-11). Deus pode falar de muitas formas, mas para escutá-lo é necessário concentração, atenção e foco no divino, ter um ouvido treinado para escutar com o coração. A oração contemplativa é a forma de se chegar ao nível de uma escuta como a de Samuel que aprendeu ouvir a Deus⁴⁰.

Como pode ser observado, escutar o Senhor com obediência é imperativo para se manter na Aliança de Deus, por isso, quando o povo de Israel falha nesse compromisso, há consequências negativas, tais como derrotas em batalhas, calamidades e tantas outras problemáticas. Afastando-se de Deus, as pessoas não conseguem vencer os obstáculos sozinhas, ou seja, o povo se afastou do sucesso, fartura, maravilhas, graça e bênção divinas porque se distanciaram de Deus, esqueceram do Senhor, deram mais atenção às coisas do mundo e colocaram as coisas divinas em segundo plano, deram menos importância a Deus. Um de tantos acontecimentos do distanciamento de Deus foi marcado quando Israel perde a Arca da Aliança, simbolizando a retirada da presença divina (cf. 1Sm 4, 1-11). Por isso, os profetas chamam o povo de Israel para voltar a escutar Deus como meio de restauração da Aliança, instruindo o povo a ser fiel e escutar as palavras de Deus.

1.4.4 A Liturgia dos Profetas e da Literatura Sapiencial

A vida litúrgica de Israel é celebrada com a escuta dos Salmos que expressam louvores a Deus, assim, o Senhor ouvi e ajuda todo o Seu povo. No livro de Jó apresenta uma escuta resiliente e dramática, que destaca a importância da fé e o que ele fala mesmo diante de adversidades. Os profetas, como Isaías, Jeremias e Ezequiel, enfatizam a necessidade de escutar a Palavra de Deus e obedecer aos Seus mandamentos, pois assim guardará a Aliança. Os profetas são mediadores entre Deus e o povo, aponta e condena as injustiças, chama o povo à conversão, algo que garante a salvação⁴¹.

³⁹ QUIRINO, A. T., 2022, p.80-83.

⁴⁰ PEREIRA, J. C., 2013, p.15.

⁴¹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 83-86.

No livro de Daniel, a escuta de Deus e a confiança em Sua fidelidade são temas centrais, com o profeta apelando ao perdão de Deus, que ouve e age, em favor de Israel. A escutar da Palavra de Deus é compromisso que garante a vida, um compromisso obediente que chega até a encarnação do Verbo, de um Filho que escuta o Pai, um libertador do povo rumo à nova Jerusalém⁴².

Embora a literatura sapiencial tenha estilos literários e temas trabalhados muito variados, a busca da sabedoria divina e sua aplicação no cotidiano é algo em comum, certo de que a escuta é fundamental.

A literatura sapiencial evidencia que a escuta é um componente fundamental que procura a sabedoria divina, ou seja, é importante ouvir a voz de Deus, confiar em Suas determinações, isso tudo são meios valiosos que garantem uma vida baseada nos princípios divinos e garante a vida eterna diante da misericórdia de Deus.

⁴² QUIRINO, A. T., 2022, p. 86-87.

2. A ESCUTA NO NOVO TESTAMENTO

2.1 Introdução

Os livros do Novo Testamento deixam claro que a Teologia da Escuta se dá por meio de Jesus Cristo. Ele escuta como Deus Filho e como homem, por isso, enquanto no Antigo Testamento tinha o “*Shemá*”, no Novo Testamento tem-se o “*akouo*” com um mesmo significado e força, que capacita e chama a atenção de todos para a “boa nova”, uma escuta da compreensão da vida que guia para o caminho da verdade.

No segundo capítulo, será explorada a Teologia da Escuta na pessoa de Jesus Cristo e dos discípulos. A Sagrada Escritura aponta um contexto histórico de alguns determinados grupos de pessoas que escutavam os ensinamentos de Deus e que deveriam ser batizados e catequisados. A escuta é um sentido humano que proporciona a fé como também impulsiona para um ato de adesão a Jesus Ressuscitado.

2.2 A Escuta da Palavra de Deus que Liberta

2.2.1 *Escuta que Liga a Antiga com a Nova Aliança*

O Novo Testamento não está isolado da Bíblia, pelo contrário, esses livros dependem e proporcionam uma continuidade da Palavra de Deus iniciada no Antigo Testamento. Nesse sentido, destaca-se o livro do Deuteronômio, que juntamente com os Livros dos Salmos e de Isaías, demonstram a base teológica do Apóstolo Paulo e das primeiras comunidades cristãs, as quais tem clara a ideia de que Deus é um Pai misericordioso e amoroso (cf. Dt 4,31; 32,10-11)⁴³.

O grande mandamento deixado por Jesus no ato de amar em primeiro lugar a Deus (cf. Lc 10,27; Mt 22,36-38) vem do Antigo Testamento, do Livro de Deuteronômio: “portanto, amarás a *Iahweh* teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força” (Dt 6,5) que se completa com a necessidade do amor ao próximo, relatado no Livro de Levítico: “amaras o teu próximo como a ti mesmo (Lv 19,18).

⁴³ PERONDI, I. Estas palavras e o Shemá. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, v. 11, n. 2. Curitiba, 2019, p, 323.

Jesus resumiu os deveres do homem para com Deus nestas palavras [...]. Elas são um eco imediato do apelo solene: Escuta, Israel: o Senhor nosso Deus é o único (Dt 6, 4). Deus foi o primeiro a amar. O amor do Deus único é lembrado na primeira das dez palavras. Em seguida, os mandamentos explicitam a resposta de amor que o homem é chamado a dar ao seu Deus⁴⁴.

Vale destacar que o verbo “*Shemá*” (Antigo Testamento) ou “*akouo*” (Novo Testamento) faz referência ao ato de ouvir, escutar, atender, prestar atenção, aquiescer, obedecer, acatar, observar, saber, conhecer, compreender, entender, aceitar, receber e ficar sabendo. O termo Grego “*akouo*” aponta para uma grande força a compreensão, pois aquele que escuta, aprende. O termo “*Shemá*” está empregado no imperativo porque escutar é uma ordem para Israel. Assim, se deve escutar para aprender a caminhar na Verdade⁴⁵.

Jesus chama a viver o *Shemá*⁴⁶, uma escuta justa, que aponta para a vida e testemunha o amor e a misericórdia (cf. Os 6,6; Mt 12,7), porque escutando ao Filho de Deus se escuta a Palavra do próprio Deus. Logo, a escuta inicia e termina a Bíblia, representando a Aliança divina, que em Jesus, a Palavra encarnada, Deus Pai estabelece a Nova e eterna Aliança, onde escutando o Filho a humanidade viverá (cf. Jo 5,24)⁴⁷.

2.2.2 *O Início da Nova Aliança*

A nova Aliança ou o sacrifício da nova Lei, é vinculada a Cristo, logo, inicia-se no instante da Encarnação do Verbo em Maria (cf. Lc 1, 26-38). O anjo Gabriel anuncia a Maria que ela seria a mãe do Filho do Altíssimo, ouvindo isso ela reflete em seu coração e responde com um sim aos propósitos do Senhor: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc. 1, 38).

Maria escuta tudo e se coloca como serva, pois, como ela estava grávida do Filho de Deus, que é manso e humilde de coração (Cf. Mt 11,29), não seria diferente que a mãe também demonstrasse humildade desde sempre e não utilizando de suas prerrogativas de agraciada, desse modo, responde com prontidão e obediência as determinações de Deus⁴⁸.

O anjo saúda Maria com um “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1, 28), ela escuta e fica intrigada com o que significava aquilo que estava acontecendo. Uma

⁴⁴ CEC n.2083.

⁴⁵ QUIRINO, A. T., 2022, p.69.

⁴⁶ A palavra *Shemá* do Antigo Testamento é dito *akouo* (em Grego) com Jesus no Novo Testamento, pois tais livros foram escritos nessa língua.

⁴⁷ QUIRINO, A. T., 2022, p.87-88.

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Catena Aurea: exposição contínua sobre os Evangelhos – vol. 3: Evangelho de São Lucas*. Campinas: Ecclesiae, 2020, p.66.

saudação que resume a alegria messiânica, a vinda de Deus que se faz homem no meio de seu povo⁴⁹.

E com razão se diz [São Jerônimo]: cheia de graça, porque aos demais a graça é distribuída por partes, mas em Maria foi infundida ao mesmo tempo toda a plenitude da graça. É verdadeiramente cheia de graça aquela pela qual a chuva abundante do Espírito Santo foi derramada sobre toda criatura. Ora, já estava com a Virgem Aquele que lhe enviava o Seu anjo, e o Senhor se antecipou ao Seu enviado. Não poderia estar contido em um lugar Aquele que está em todas as partes. Por isso, segue: o senhor é contigo⁵⁰.

O anjo Gabriel responde a inquietação de Maria a respeito do significado da saudação (cf. Lc 1, 29), afirmando que ela encontrou graça diante de Deus, porque dará à luz ao Filho de Deus chamado Jesus (Deus salva), a quem será rei em um reino sem fim (cf. Lc 1, 30-33), logo, ela foi agraciada e favorecida por Deus. Como se observa, Jesus é apontado como descendente de Davi e Filho de Deus pelo Espírito Santo (cf. Lc 1,31-35; Rm 1,3-4), uma reflexão cristológica que proclama Jesus como Filho de Deus através do Espírito Santo, em que sua concepção virginal, em Maria, ocorre por meio do poder do mesmo Espírito (cf. Lc 1,35)⁵¹.

O anjo Gabriel traz um diálogo da anunciação que vincula a profecia realizada a Daniel pelo também Gabriel, ou pode se dizer, uma preanunciação do nascimento de Jesus como cumprimento da predição do anjo feita no Livro de Daniel (cf. Dn 9,24-27) quando ele informa que em 70 semanas um reino de justiça se instalará, algo que se concretiza em Jesus, que depois de 180 dias da gravidez de Isabel, dos 270 dias da gravidez de Maria e 40 dias da purificação do parto (totalizando 70 semanas), a entrada de Jesus no Templo para ser apresentado a Cidade Santa onde iniciará sua missão⁵².

Uma saudação corriqueira de uso no Oriente seria utilizar a palavra “Paz”, tal qual aparece em diversas passagens do Evangelho, ao invés de “Alegar-te” da tradução da septuaginta ou “Ave” da tradução latina, por isso, entende-se que o termo seria muito mais do que uma saudação e que goza da benevolência divina porque também é “cheia de graça”, pois “O Senhor é contigo”, isso é uma contestação do fato de que ela encontrou graça por causa do Filho de Deus que está em seu ventre, o próprio Deus⁵³.

Santo Ambrósio diz que essa saudação nunca foi ouvida antes, muito menos por parte de Deus, porque essa saudação foi reservada a Maria, que assustou assim que o anjo começou

⁴⁹ “que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus”: Todos são chamados a ser seu povo (LG 9).

⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO, Santo, 2020, p.58.

⁵¹ BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2020, p.227.

⁵² Idem.

⁵³ LANCELLOTTI, B. Comentário ao Evangelho de São Luas. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983, p.38.

a falar, ou ora segundo Orígenes. Como ela conhecia a Lei, sabia que tais palavras nunca haviam sido proferida para nenhuma outra pessoa, por isso seu espanto, além disso, fazendo menção de que Deus está com ela⁵⁴.

2.2.3 A Exaltação do Filho do Homem

O Filho do Deus vivo desceu do céu para salvar a todos, seguindo o propósito de Deus Pai e com cuidado para que ninguém se perca (cf. Jo 6,38-39), mas para isso, é também necessário que todos o escutem, porque Ele tem a Palavra de vida eterna (cf. Jo 6,68). Jesus fala aquilo que ouviu do Pai, restaurando a criação em uma aliança de amor, com justiça e misericórdia.

A cruz de Jesus Cristo não transmite a morte, mas sim a vida e é por esse caminho que todos são guiados para o céu, ou seja, todos serão atraídos pela morte e ressurreição do Senhor em um pacto do amor divino, apontando o aspecto salvífico da exaltação de Jesus (cf. Jo 12,32), uma clara referência ao Servo Sofredor (cf. Is 52,13) e a sua entronização como rei daqueles que acreditam na revelação. Além disso, essa elevação aponta sua identificação como Deus, o “Eu Sou” (cf. Jo 8,28) que será compreendido quando o Filho do Homem levantar depois da crucificação, apontando para a ressurreição e a ascensão⁵⁵.

2.3 A Escuta do Verbo Encarnado nos Evangelhos

Evangelho, do latim *Evangelium*, é uma palavra de origem Grega *Euangelion*. No Antigo Testamento (cf. Is 52,7) foi mencionada a expressão “Evangelho” que tratava da vitória de Israel ou Deus, em outras palavras, é a proclamação das ações gloriosas de Deus para Israel, mas também é apontada como a boa nova da salvação messiânica que há de vir e em Cristo. No Novo Testamento aponta as palavras e obras de Jesus (cf. Mc 1,15; Mt 11,5; Lc 4,18), a boa nova do Senhor, ou seja, a salvação do povo de Deus está consumada em Jesus Cristo, a quem se deve escutar para trilhar o caminho da vida eterna. Além disso, essa boa nova pode ser entendida como a pregação apostólica da salvação por Cristo (cf. At 5,42; Rm 1,1s), algo falado

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, Santo, 2020, p.59

⁵⁵ BROWN, R., 2020, p. 611.775; BATTAGLIA, O. & NICCACI, A., 1985, p.193

e não escrito. Os pregadores são ministros de Cristo, ou melhor, são Evangelistas (cf. At 21,8; Ef 4,11; 2Tm 4,5)⁵⁶.

Na Transfiguração do Senhor (cf. Mt, 17, 1-13; Mc 9,2-13; Lc 9,28-36), Deus Pai faz com que se ouçam sua voz apontando que Jesus é seu Filho e se devem ouvi-lo e obedecê-lo, logo, a tenda de que Pedro gostaria de montar para o Senhor no alto do monte na verdade deve ser montada no coração, como diz São Jerônimo. Escutar ao Filho de Deus “a fim de manifestar que Ele é a quem anunciou Moises, dizendo: O Senhor teu Deus te suscitará um profeta, como eu, dentre teus irmãos: ouvi-lo-ás assim como a mim” (Dt 18,13). Logo, ouvir ao Senhor é seguir a Luz do Evangelho⁵⁷.

Antes da redação dos Evangelhos, tem-se o ministério de Jesus, suas atividades desenvolvidas ao longo de sua vida pública. Jesus proclamou sua mensagem interagindo com outras pessoas, Ele falava e os outros escutavam, além disso, realizou diversos milagres. O que Jesus disse e realizou foi transmitido pela pregação, principalmente dos Apóstolos, algo que acontece atualmente devido à sucessão apostólica da Igreja.

O Evangelho de Marcos apresenta o Cristo e o anúncio do Reino de Deus, bem como, o querigma, ou seja, paixão, morte e ressurreição de Jesus. A escuta desse Evangelho está em conhecer Jesus, o Filho de Deus que ensina. Na parábola do semeador, Jesus chama todos para ouvir seus ensinamentos sobre o Reino de Deus. Jesus começa seu ensinamento com a expressão “Escutai” (Mc 4,3), para aprender é necessário primeiramente ouvir e quem escuta sua palavra conhece a verdade e está próximo do Reino de Deus, por outro lado, quem não ouve suas palavras está distante do Reino (Mc 4,3-12), pois, a Palavra de Deus é como uma semente plantada em um solo fertilizado que produzirá bons frutos, isto é, quando a Palavra chega ao coração daquele que está bem orientado os resultados serão satisfatórios⁵⁸.

O Evangelho de Mateus tem caráter catequético, com um conteúdo de instrução à comunidade dos discípulos de Cristo, próprio para a Igreja e com um foco para o Messias Servo. Além disso, se deve fazer a vontade do Pai e escutar sua Palavra colocando-a em prática, neste contexto, Jesus é exemplo para todos os discípulos como um verdadeiro servo, a quem escuta verdadeiramente Deus Pai e coloca tudo isso em prática, Ele foi o primeiro servo cumprindo o chamamento: “Escuta, Israel!”. Nesse Evangelho, Jesus aponta que a compreensão da Lei está

⁵⁶ HARRINGTON, W. J. Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização. São Paulo: Paulus, 1985, p. 424; BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2020, p.172.

⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, Santo, 2018, p. 551-552.

⁵⁸ QUIRINO, A. T., 2022, p. 89.

vinculada a sua prática na vida e a obediência da vontade de Deus, a Lei atualizada em Jesus (cf. Mt 5,21-47)⁵⁹.

O Evangelho de Lucas comenta como foi a história da salvação ancorada na pessoa de Jesus, iniciada no tempo da promessa passando pelo cumprimento até o anúncio, esse último muito evidenciado no Atos dos Apóstolos, que também foi redigido por Lucas. É evidente nessa literatura que o Espírito Santo é quem age, é quem ilumina o caminho, é quem facilita a compreensão das Escrituras, é o mesmo Espírito que inspirou os profetas, que conduz Jesus a cumprir tudo aquilo que o Pai planeja e que fala à Igreja na atualidade. Esse Evangelho aborda a anunciação de Maria em que ela engravida pela ação do Espírito Santo, isso mostra que o nascimento de Jesus faz parte da vontade de Deus que se concretiza nas palavras ouvidas por Maria: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35), dizeres esses que faz alusão com o Antigo Testamento, uma tipologia (cf. Ex 40,35), aqui se tem a presença de Deus no santuário do deserto, o tabernáculo, o mesmo de Maria. Deus consagra com sua presença onde estiver, por isso, Jesus é o Filho de Deus, o Santo, uma iniciativa divina⁶⁰.

A Encarnação do Verbo foi obra do Espírito Santo que passa pela escuta, pode se dizer que Maria ficou grávida pelos ouvidos, ela compreende mediante a fé. Santo Agostinho menciona que “Maria escuta, crê e concebe”. Maria, de forma atenta, escuta a Palavra pela ação do Espírito Santo, ela está grávida da Palavra e por isso, quando Isabel escuta o cumprimento de Maria, ela fica cheia do Espírito Santo como também a criança em seu ventre que expressa essa realidade com alegria (cf. Lc 1,41)⁶¹.

Com um texto místico, espiritual e teológico o Evangelho de João tem como prioridade a revelação do Pai por intermédio dos méritos de Jesus Cristo com seus discursos e feitos prodigiosos, especificamente os sinais. A Teologia da Escuta desse Evangelho está voltada para o “Cordeiro de Deus” (Jo 1,36) mencionado por João Batista, com intuito de fazer com que as pessoas que o seguiam e demais a sua volta, após ouvi-lo, possam caminhar junto a Jesus Cristo (cf. Jo 1,37.40). Aliás, João evidencia o *Logos* de Deus, a Palavra encarnada, “o Verbo [que] se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), por isso, para seguir os caminhos de Jesus é necessário, antes de qualquer coisa,

⁵⁹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 91-92.

⁶⁰ QUIRINO, A. T., 2022, p. 95.

⁶¹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 95-96; MALZONI, C. V. Evangelho segundo João. São Paulo: Paulus, 2018, p 33.

escutar, uma ação do Espírito Santo, para depois viver como o Senhor vive, colaborando assim com sua missão⁶².

João Batista caracterizou sua missão com a água e Jesus com o Espírito, logo seria muito expressivo e tocante que o início dos sinais Jesus fosse a transformação da água em vinho, a passagem da aliança antiga para a nova⁶³.

2.3.1 A Teologia da Escuta nas Núpcias de Caná

O Evangelho de João é basicamente estruturado⁶⁴ com uma parte apresentando os sete sinais realizados por Jesus e a uma outra parte com o grande sinal da entrega de Jesus por amor à humanidade, com o tema “hora” marcando o início dessas grandes divisões. A primeira parte, o livro dos sinais, inicia-se com a “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4), uma fala que sua Mãe ouviu e, por ser uma mulher de fé, falou para os servos executarem aquilo que seu Filho determinar. A segunda parte, o livro da Glória, abre com o “...sabendo Jesus que chegara a sua hora...” (Jo 13,1)⁶⁵. A escuta desse Evangelho é mais profunda com diversos significados e desafios em sua interpretação.

Segundo o evangelista, a “hora” seria marcada para o momento da “paixão-morte-ressurreição” de Jesus⁶⁶, mas através de Sua mãe, a “hora” também se apresenta como “sinal”⁶⁷.

O Livro dos Sinais aponta para o tempo messiânico sendo marcado com os sete sinais, número que significa perfeição. Jesus substitui a antiga aliança pela nova, baseada no Espírito, amor e verdade. “Ele se mostra ao seu próprio povo como a revelação de seu pai, mas tendo como resultado sua rejeição”⁶⁸.

As núpcias de Caná, segundo o evangelista, aconteceu no terceiro dia, fazendo referência ao terceiro dia da paixão, morte e ressurreição de Jesus, ligando o início dos sinais ao grande sinal do Senhor. Nessa perícopa (cf. Jo 2, 1-12) aparecem alguns personagens simbólicos de grande importância teológica.

Com uma expressão que marca uma possível rejeição ou momento inoportuno muito empregado em toda a Bíblia (cf. Jz 11,12; cf. IRs 17,18; cf. Mt 8,29; cf. Lc 8,2), Jesus diz: “Que

⁶² QUIRINO, A. T., 2022, p. 105.

⁶³ MATEOS, J; BARRETO, J. Vocabulário teológico do evangelho de São João. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 19.

⁶⁴ O Evangelho de João é estruturado em uma Introdução – “Palavra que se fez carne” (Jo 1,1-18), Livro dos Sinais (Jo 1,19-12,50), Livro da Glória (Jo 13,1-20,29), conclusão (Jo 20,30-31) e apêndice (Jo 21,1-25).

⁶⁵ CENTRO BÍBLICO VERBO. Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João. Vida Pastoral, ano 56, n.305, set/out, São Paulo, 2015, p. 3-12.

⁶⁶ NICCACCI, A; BATTAGLIA, O. Comentário ao evangelho de João. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 23.

⁶⁷ ROSSE, L. A. S. Milagres na Bíblia. São Paulo: Paulus, 2017, p 119-121.

⁶⁸ HARRINGTON, W. J., 1985, p. 595.

queres de mim, mulher?” ou “O que há entre mim e ti?”, na sequência, o evangelista pode ter adicionado a frase “Minha hora ainda não chegou” (crucificação/glorificação) justamente para resolver a questão do termo da expressão marcada por Jesus, lembrando que é a vontade do Pai que conduz seu ministério e não ações humanas⁶⁹.

A mãe de Jesus representa-se como Israel que reconhece em Jesus sua filiação divina, ela representa a Igreja, a nova Eva. O mestre-sala representa os judeus que não esperavam Jesus e tão pouco preferiam sua ajuda, eles não entendiam a novidade do vinho novo. A talha demonstra ser a lei e Maria pertencia àquela crença, é a antiga lei que se abre a uma novidade, a promessa divina. A tradição legalista é evidente no mestre-sala que preso a essa situação não enxergava a boa nova a sua frente e reprime os cristãos do mundo judaico. Observa-se uma estranheza entre os israelitas que ao mesmo tempo que esperava o Messias, ficavam enraizados em um sistema sufocante e opressor. Os serventes ficam à disposição de Jesus e sua mãe, apontando para aqueles que estão a serviço do Messias e sua obra em qualquer tempo, estão prontos para escutá-lo⁷⁰.

Jesus trata sua mãe como “mulher”, algo simbólico que não aponta para um termo pejorativo e que era considerado algo normal vinculada a sua maternidade divina que se repete em sua crucificação proclamando a maternidade espiritual de Maria para todos (cf. Jo 19,26)⁷¹, logo essa palavra-chave envolve todo o Evangelho. Esse termo utilizado explica a imagem de Eva (cf. Gn 3,15.20), agora sendo a “Nova Eva”, “a mãe dos viventes” (cf. Ap 12)⁷². Maria aparece no texto como Israel fiel à espera das promessas e, como mulher de fé, pede para os serventes fazerem tudo conforme Jesus solicitar, que assim fizeram.

Maria fala para seu Filho que faltava vinho (cf. Jo 2,3), logo, ela transfere a responsabilidade em resolver aquela problemática para Jesus a quem questiona sobre sua “hora” (cf. Jo 2,4). Como mencionado anteriormente, para Jesus, essa “hora” refere-se a sua paixão-morte-ressurreição, porém para sua mãe seria a hora do sinal ligada à menção cristológica, pois a hora sexta seria a paixão-morte-ressurreição de Cristo como menção a soteriologia de Cristo, em que ela também vem a estar presente (cf. Jo 19, 25-27). No casamento Jesus manifesta sua glória (cf. Jo 2,11) na dimensão cristológica, para que na cruz (cf. Jo, 25-27), isso passa a ser uma dimensão soteriológica. Deste modo, Jesus em seu projeto messiânico demonstra a

⁶⁹ BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E., 2020, p.753-754.

⁷⁰ PAULA, J. D. As bodas de caná (João 2,1-11): o ‘vinho novo’ como reconstrutor das relações de gênero. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Goiânia, 2020, p.33-34.

⁷¹ BROWN, R., 2020, p. 291.

⁷² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1846.

manifestação de Sua glória marcada pela hora que havia chegado levando ao entendimento de sua autoridade e majestade⁷³.

Os sinais de Jesus apontam para a soberania de seu Pai, mas sua mãe tem um papel fundamental na crucificação, na hora de sua paixão, morte, ressurreição e ascensão. Ela participa da luta contra a serpente satânica (cf. Gn 3) e a luta atinge seu auge na hora de seu Filho. Ela recebe aos pés da cruz a incumbência de lutar contra satanás, protegendo seus futuros filhos (humanidade) e por consequências, os seguidores de Jesus. Ela é símbolo da Igreja, a nova Eva, a quem escuta todas as súplicas de seus filhos e leva a Jesus⁷⁴.

Maria é apontada como a mulher do Apocalipse, o novo Israel que também dá à luz ao Messias e que protege seus filhos e é mãe de todos. Ela está associada aos discípulos de Jesus⁷⁵.

Por ser o início dos sinais os outros sinais devem estar ligados a esse primeiro. A narrativa do texto aborda uma riqueza de detalhes que aprofunda a compreensão teológica simbólica do texto, porém o evangelista resume seu relato e aponta o objetivo principal relacionado ao princípio dos sinais que vem a ser a manifestação da glória de Jesus para que seus discípulos possam ter fé no Senhor. E o propósito desse e dos outros sinais é a revelação da pessoa de Jesus, ou seja, o foco principal está relacionado ao fato que Jesus é aquele enviado pelo Pai e traria a salvação ao mundo, enfatizando assim sua glória e a fé de seus discípulos com uma abundância messiânica⁷⁶.

Com esse primeiro sinal o evangelista deixa claro sua intenção em mostrar a substituição da água da purificação judaica pelo vinho melhor, substituição que indica que Jesus é o enviado do Pai e o único caminho para chegar até Ele. Aponta a obra messiânica, com o vinho novo, a boa nova que chega.⁷⁷

Jesus é o verdadeiro templo e o Espírito enviado por Ele substitui a necessidade de cultuar em Jerusalém. Sua carne e sangue oferece vida diferenciada em relação a que foi dada no maná, no êxodo do Egito, ou seja, uma doutrina diferente. Ele mesmo supre a água com água viva e ilumina com sua luz. Na festa da dedicação Ele mesmo é consagrado por Deus⁷⁸.

⁷³ PAULA, J. D., 2020, p. 34.

⁷⁴ BROWN, R., 2020, p. 304.; NICCACI, A.; BATTAGLIA, O., 1985, p.59.

⁷⁵ BROWN, R., 2020, p. 302-304.

⁷⁶ BROWN, R., 2020, p. 297.

⁷⁷ BROWN, R., 2020, p. 298-299; NICCACI, A.; BATTAGLIA, O., 1985, p.60.

⁷⁸ BROWN, R., 2020, p. 298.

2.3.2 A Continuação da Escuta da Palavra no Espírito Santo

Impulsionadas pelo Espírito Santo, muitas pessoas, de credo variado, se tornaram cristãs devido a escuta da palavra de Deus no anúncio dos Apóstolos, esses levavam a fé em Jesus Cristo para todo o mundo, convertendo as pessoas pela escuta da palavra do Senhor Ressuscitado. Foi uma ação catequética e missionária que transformava. Nos Atos dos Apóstolos, escrito provavelmente por Lucas, aponta para os atos missionários dos Apóstolos e outros discípulos do cristianismo nascente. O Espírito Santo é quem guia os Apóstolos e conduz a iniciação de sua missão (cf. At 1,1-2) tal qual ocorreu com Jesus também no início de sua missão (cf. Mt 4,1s; Lc 4,1s)⁷⁹.

A Evangelização das primeiras comunidades cristãs ocorre em virtude da ligação entre a Palavra de Deus e o Espírito Santo. Assim, a pregação é eficiente não por méritos humanos, mas pela graça do Espírito, é neste contexto que se vivifica a Palavra, somente com essa força oferecida do alto que se é *“capace di leggere e interpretare il Vangelo nelle condizioni in cui gli uomini e le donne quotidianamente vivono, nei diversi ambienti geografici, sociali e culturali”*⁸⁰, palavras essas proferida pelo Papa Francisco onde ele fala que a teologia deveria ser capaz de interpretar o Evangelho na atualidade⁸¹.

As Palavras da Sagrada Escritura são tiradas pela ação do Espírito Santo, então somente pela ação do próprio Espírito Santo as pessoas são capazes de entender o que de fato o texto diz no momento daquela leitura ou pregação, a escuta deve ser com todos os sentidos humanos, com o coração, a razão e não somente com os ouvidos. O Magistério da Igreja interpreta sob a ação do Espírito as Sagradas Escrituras. É um processo de escuta do Espírito Santo que fala de forma individual, porque a salvação é individual, cada ser humano é um ser único.

No dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam reunidos em oração, porque sem oração não se pode ser discípulo de Jesus, todo ato deve preceder a oração, é o Senhor pelo Espírito Santo que conduz as decisões e o dia a dia da Igreja. Durante a oração, o Espírito manifesta sua chegada com um barulho de um “vento impetuoso” e enche os presentes com sua força pelo “fogo” (cf. At 2, 2ss). Esse vento lembra o *ruah*, o sopro primordial, a força que Jesus prometeu a seus discípulos (cf. At 1,8) e fogo remete a sarça ardente, ou seja, o fogo acompanha a manifestação divina que profere palavra viva que revigora, ao mesmo tempo que aquece, ilumina e

⁷⁹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 112.

⁸⁰ Tradução: “capaz de ler e interpretar o Evangelho nas condições em que homens e mulheres vivem diariamente, nos diferentes ambientes geográficos, sociais e culturais”.

⁸¹ PAPA FRANCISCO. Carta apostólica na forma de motu próprio *Ad theologiam promovendam*. Roma: Vaticano, 2023, n. 4.

cura. Assim, no Sinai se ouvia a voz de Deus e no Pentecostes, Pedro quem fala, a rocha da Igreja de Cristo nascente naquele instante, que mesmo diante da sua fragilidade humana, pelo fogo do Espírito, adquire força para converter os corações mais duros⁸².

A consequência do Pentecostes, o Batismo no Espírito, foi a origem da primeira comunidade cristã, onde o Espírito Santo penetrou em cada pessoa que estava ali presente. A pregação inicial do querigma motivou aquela primeira fraternidade, por isso se consideravam irmãos, não consanguíneos, mas pelo sangue derramado de Cristo por cada um dos seres humanos.

A comunhão de vida e bens é algo que garante a fraternidade em Cristo, por isso, se juntavam entorno da fração do pão, com muitos ensinamentos e oração, ou seja, uma grande partilha como família de Deus. E a porta de entrada para essa família é o Batismo. Os ensinamentos apostólicos apontam para as relações entre irmãos e a fração do pão, a eucaristia, é alimento para o corpo e a alma. Nesta reunião não prevalecia os interesses particulares, mas sim, da coletividade, em um ato solidário, sem egoísmo, sem procurar vantagens ou benefícios sobre os irmãos, porque isso é ser cristão, é estar juntos, em unidade, ajudando e aproximando os outros, sendo um ouvido para o outro⁸³.

2.4 Os Textos Escutados pela Igreja Nascente

A escuta também acontece por textos quando lidos ou proclamados, como os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas e Católicas e o Apocalipse, ou seja, o Novo Testamento. Os escritores sagrados redigem seu texto sob a inspiração do Espírito Santo, são letras que falam e podem ser escutadas, fazendo eco até a atualidade. Duas figuras são importantes, o autor/redator e o leitor/ouvinte, que dependendo do público alvo, a mesma informação é relatada de forma diferente, porém com o mesmo objetivo, levar a boa nova do Reino de Deus, logo, é interessante saber quem escreve e para quem se escreve, mas, como diz Dom João Justino de Medeiros Silva: “Dos textos [...] o mais belo para mim era e é escutar o humano que se registra nas letras”⁸⁴.

⁸² PAPA FRANCISCO. Atos dos Apóstolos: Coleção catequese do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2020, p.16-17.

⁸³ PAPA FRANCISCO, 2020, p.21; MAZZAROLO, I.; KOHAN, J. Atos dos Apóstolos: O Caminho da Palavra. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p.21.

⁸⁴ MEDEIROS SILVA, J. J. Diakonia da Palavra: o bispo é sempre um aprendiz da Palavra. Montes Claros: Ed. do autor: 2021, p. 14.

2.4.1 *A Escuta do Apostolo Convertido*

Paulo, o Apóstolo convertido, que até então perseguia os cristãos, nomenclatura essa atribuída por ele a todos os seguidores de Cristo, passa a pregar o Evangelho e a promover o crescimento em qualidade e quantidade da Igreja Universal. Ele escuta o Senhor e todos o escutam.

Não poderia ser outro, Paulo foi a pessoa perfeita a qual Jesus escolheu no caminho para Damasco, alguém que compreendeu a divindade de Cristo, que experimentou a graça, arrependeu de seus pecados, converteu e passou a ser seguidor do Senhor, que por essa razão, também passa a ser perseguido, mas, sabe que tal atributo é reservado aos que escolhem o caminho da Verdade, aprendendo com o sofrimento na própria pele. Como um Judeu da diáspora, Paulo, conhecedor das culturas romana, grega e judaica, facilmente circulava entre esses povos e era compreendido onde quer que fosse, as pessoas o escutavam. Tinha um diálogo fácil, provavelmente por ter uma formação nas normas farisaicas, conhecedor da Lei, a Torá mosaica⁸⁵.

Paulo se apresenta como um excelente nome no projeto de evangelização, em outras palavras, uma escolha perfeita do Senhor, de um homem que perseguia os seguidores de Cristo, posteriormente se converte a um seguidor, pregador da palavra, que anuncia o Evangelho, um edificador da Igreja de Cristo. Assim nasce um verdadeiro Cristão, que primeiro conhece e ama, depois arrepende e por fim, convertido, se entrega ao propósito divino.

A Igreja foi constituindo corpo com a presença marcante de Paulo e os outros discípulos em todos os lugares, com uma disposição ímpar em sair para missão, para que todos possam ouvir a boa nova do Senhor. Foram viagens cansativas, porém edificantes, pois trouxeram pessoas para o Reino de Deus e assim, a Igreja foi se espalhando. Por essa razão, Paulo escreve documentos (cartas) para guiar as comunidades que se iniciavam, o escutavam pelos seus escritos, além disso, alguns costumes, que ele mesmo seguia, seria em um processo de separação do judaísmo. Isso mostra sua importância no caminho da Igreja Primitiva, ele conhecia as duas realidades, judaicas e cristãs, algo que facilita suas decisões e evangelização, as pessoas escutavam suas pregações e entendiam, pois ele falava de forma compreensiva, então, é importante ressaltar que o Senhor escolheu a pessoa perfeita para a missão, um verdadeiro líder⁸⁶.

Essas Cartas de Paulo foram importantes para a iniciação cristã, mostrando que a escuta das Escrituras e o ensinamento dos Apóstolos foram a base do processo catequético. A fé

⁸⁵ PAPA BENTO XVI. A vida de São Paulo antes e depois de Damasco. Audiência Geral. Sala Paulo VI. 27 de agosto de 2008.

⁸⁶ Idem.

começa pela escuta da pregação, passa pelos ouvidos e chega ao coração (cf. Rm 10,17), o que leva a uma adesão e entendimento da boa nova, aos preceitos de Deus a quem é servo (cf. Gl 1,6-10; 3,1-3)⁸⁷.

Com seu exemplo de vida, Paulo mostra que todos cometem pecados e, mesmo na sua fragilidade de ser humano, pode ser muito útil para o Reino de Deus, aos planos divinos, sendo luz para o outro que caminha, muitas vezes na escuridão do seu pecado, para o arrependimento e conversão à Verdade sob o anúncio do Evangelho. Ele tem a certeza de que seu compromisso a Cristo vem pela escuta da Palavra, por isso, seu viver na fé é Cristo, amando e crendo no amor de Cristo, que se entregou por amor a todos (cf. Gl 2,20)⁸⁸.

2.4.2 *A Escuta nos Textos de Tiago, Pedro, Judas e João*

Tiago, Pedro, Judas e João, estimulam as comunidades a viver como cristãos, ou seja, as comunidades são orientadas e incentivadas a viverem os mandamentos e o ensinamento de Cristo pela escuta da Sagrada Escritura. É importante escutar a Palavra, pois é por ela que se tem fé e sobretudo, viver a fé em Cristo e ser exemplo de vida, ser o Evangelho, se revestir de Cristo. Pedro deixa claro a comunidade da fidelidade a Cristo. Sua fala é fidedigna por ser testemunha ocular da glória de Cristo, a comunidade pode ouvi-lo e colocar tudo em prática (cf. 2Pd 1,18), porque para escutar a Cristo, antes deve escutar aos Apóstolos, os quais falam impelidos pelo Espírito Santo (cf. 2Pd 1,21). Judas faz uma advertência contra os falsos mestres que começam a aparecer na comunidade, por isso, ele critica e reprime essas pessoas que desvirtuam o povo (cf. Jd 3s). João, também fala que os cristãos devem viver a fé em plena alegria a partir do que escutaram dos Apóstolos que são testemunhas oculares do Evangelho, eles foram os primeiros a escutar Jesus e chama todos a viverem em comunhão, porque eles estão em comunhão com o Pai e o Filho (cf. 1Jo 1,1.3-4)⁸⁹.

No livro do Apocalipse, João, discorre a escuta litúrgica em todo o texto e o local das celebrações são de engajamento social que se fortalecia na fé e lutavam contra os desafios. Estando em profunda escuta com Deus, João aponta as sete Igrejas e encoraja os cristãos a escutar o Espírito. Sua escuta teológico-litúrgica justifica o “Escuta, Israel” no novo Israel, com os seguidores de Cristo chamados para escutar as Escrituras e os ensinamentos dos Apóstolos⁹⁰.

⁸⁷ QUIRINO, A. T., 2022, p. 118.

⁸⁸ QUIRINO, A. T., 2022, p. 274.

⁸⁹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 122; KONINGS J.; KRULL, W.; MAREANO, M., Tiago, Pedro, João e Judas: Cartas às comunidades. São Paulo: Edições Loyola, 2019, p.92-93.

⁹⁰ QUIRINO, A. T., 2022, p. 125

Tiago anima os judeus cristãos a escutar, mas devagar para falar e ficar encolerizado (cf. Tg 1,19), é pela escuta da Palavra que se supera os desafios da vida, logo, o cristão não deve somente ouvir, mas escutar com o coração e estar pronto para agir, praticar o que a Palavra determina⁹¹.

Tiago escreve o texto com autoridade, enviada como uma circular, para as doze tribos da diáspora (cf. Tg 1,1), ao novo Israel, a comunidade Judeu-Cristã de Jerusalém, um grupo de Judeus migrados para o Reino Helenístico e o Império Romano, uma área missionária das primeiras comunidades Cristãs. O conteúdo desse material aponta para um ambiente com grandes diferenças sociais e que os privilegiados da sociedade ganham uma atenção diferenciada na assembleia (cf. Tg 2,1-6), porém, os pobres marginalizados são destaque nos comentários do autor⁹².

O autor do texto sagrado entende que suas palavras devem ser para aqueles dispersos das virtudes cristãs com um paralelo ao Sermão da Montanha. Ele procura ajustar a conduta da comunidade Cristã que nem sempre demonstra compromisso embasado na fé e obras (cf. Tg 2,10-17). Tiago compreende a diferença social e deixa claro que o Cristão não pode fingir-se de “cego” para a realidade comunitária em que os ricos vivem em função da riqueza, apresentando-se como um mal que intensifica o egoísmo e as diferenças (cf. Tg 5,1-5)⁹³.

Essa epistola não está inserida sob fronteiras geográficas, mas sociais, que aborda a instabilidade e tensões causadas pelos ricos (cf. Tg 1,5-11) que oprimem aqueles em vulnerabilidade social, situação que divide a comunidade (cf. Tg 2,1-3)⁹⁴.

Na comunidade endereçada dessa epistola, encontravam-se pessoas que eram focadas em seus negócios (cf. Tg 4,13-17), explorando seus colaboradores e menos favorecidos (cf. Tg 5,16). Tal situação de privilégio provocava divergências, aflorando invejas, fofocas e julgamentos (cf. Tg 3,14; 4,2; 1,9; 5,9; 4,11), atributos que podem levar a revoltas do povo pelo ter material (cf. Tg 4,2)⁹⁵.

Os contratempos, provações ou tentações não devem ser motivos para se afastar do propósito de Cristo, o qual deve estar firme com Ele; são nas dificuldades que se edifica o crente, com muita resistência e perseverança. Além disso, sempre que possível, é importante praticar a caridade, bem como pensar e raciocinar antes de tomar as decisões ou executar tarefas, as

⁹¹ QUIRINO, A. T., 2022, p. 123

⁹² BROWN, R. Introdução ao Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2012, p. 966; HARRINGTON, W. J., 1985, p. 575-576; VOUGA, F. A Carta de Tiago. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 26, 37-39.

⁹³ BROWN, R. 2012, p. 965; VOUGA, F. 1996, p. 27; KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M., 2019, p.11.

⁹⁴ KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M., 2019, p.11.

⁹⁵ HARRINGTON, W. J. 1985, p. 575.

quais muitas vezes são realizadas sem a devida preocupação com as consequências, trazendo problemas individuais ou coletivos. Assim, a escuta da Palavra e sua prática condiciona o cristão na caminhada para o Reino de Deus, facilitando a transposição de tais dificuldades e diferenças (cf. Tg 1,2-4, 9-11; 2,5-8). Tudo isso não basta, a paciência é fundamental, a língua não deve ser ferramenta de domínio, não julguem para não serem julgados, priorize a preocupação com os enfermos e pecadores, com fé e oração, juntos como irmãos em Cristo⁹⁶.

Contudo, na epístola de Tiago, não se entrevê uma conclusão, observa-se uma série de conselhos e advertências a uma comunidade que apresentava problemas sociais, os quais se assimilam com as dificuldades das comunidades atuais. Em determinados momentos, parece que o autor conhece as comunidades futuras, com problemas que passam de geração para geração, algo próprios do ser humano, que é ambicioso, dúbio e repleto de imperfeições, mas sob as orientações desse Texto Sagrado e na esperança da misericórdia divina, pode-se aguardar a vinda do Senhor no amor fraterno.

2.4.3 A Escuta na Epístola aos Hebreus

A Epístola aos Hebreus, ou carta aos Hebreus é um texto muito bem redigido em grego que, aliás, enriqueceu e modelou o cristianismo, porém não apresenta uma autoria no início de sua redação, como ocorre em diversas outras obras, principalmente as Paulinas. Logo, quem seria o autor que relata o pronome “eu” no final de seu texto (cf. Hb 13,22), é possível que esse autor tenha origem judaica e recebeu uma boa educação em uma cidade helenística, conhecimento amplo do Antigo Testamento, grande pregador e de inspiração Paulina, aliás Paulo é apontado como um possível autor⁹⁷.

Além disso, também não faz menção ao possível destinatário, porém parece ser bem conhecida pelo autor que entende e respeita a condição espiritual do destinatário (cf. Hb 5,11-14; 6,9-12), não cita hebreus, judeus, israelitas ou faz alguma alusão à circuncisão, mas dirige-se a cristãos (cf. Hb 3,14) sem mencionar a sua localidade⁹⁸.

A carta aos Hebreus aponta que o culto da antiga aliança, foi substituída pelo sacrifício de Jesus ligada a uma exortação contra o abandono da fé cristã (cf. Hb 2,1-3; 3,12; 6,4-6). Assim, a hipótese seria que a carta fosse destinada a cristãos ligados ao judaísmo, ou até mesmo

⁹⁶ KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M. 2019, p.27.

⁹⁷ BROWN, R., 2012, p. 891; VANHOYE, A. A mensagem da Epístola aos Hebreus. São Paulo: Paulus, 1983, 1983, p.9; HARRINGTON, W. J., 1985, p. 565.

⁹⁸ VANHOYE, A., 1983, p.9; HARRINGTON, W. J., 1985, p. 565.

gentios-cristãos, ou também um grupo de judeus dissidente do judaísmo ortodoxo que ainda não entendiam que Jesus era o Messias. Outra vertente aponta que à concepção desse texto foi destinada a ex-sacerdotes judeus convertidos ao cristianismo (cf. At 6,7), os quais podem ser até essênios⁹⁹.

A insensibilidade, indiferença e imaturidade dessa comunidade é apontada no texto e com ideias errôneas (cf. Hb 5,11-14; 6,12), ela passa por momentos de dificuldades na caminhada cristã com provações (cf. Hb 2,18) desânimo (cf. Hb 12,12) e lento entendimento nos ensinamentos (cf. Hb 5,11), a comunidade tem dificuldades na escuta. Há uma preocupação com a apostasia (cf. Hb 6,4-8; 10,26-31) que, batizado, sabendo da verdade, recai no pecado contra a fé, esses tinham se afastado da oração junto aos irmãos em Cristo Jesus (cf. Hb 10,25), esqueceram e se deixaram esquecer do que escutaram dos discípulos do Senhor¹⁰⁰.

Observando tudo isso, é necessário continuar ouvindo a Deus (cf. Hb 12,25), que falou de diversas maneiras e por pessoas diferentes como os profetas (cf. Hb 1,1) e continua falando até a atualidade. Quem não escuta a Deus e se afasta Dele será castigado, não por ser um Deus terrível, mas pelo distanciamento que a pessoa impôs a Deus, se distanciou da graça¹⁰¹.

A carta, sem dúvida nenhuma, é um texto muito importante para a história do cristianismo em que coloca a superioridade de Cristo sobre tudo o que aconteceu antes em Israel e, as discussões em torno da autoria e destinatário, não alteram seu destaque no contexto cristão em escutar a verdade.

Assim, autor da Carta aos Hebreus afirma que a Palavra do Senhor “é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de gumes” (Hb 4,12), a Palavra é viva do Deus vivo que vem a cada um dos viventes, realizando o que diz, penetrando no mais íntimo de cada pessoa, julgando o que está no coração, que nem sempre foi exteriorizado. Deus ouve o que se fala no íntimo de seu coração. Independentemente de quem a escreveu ou quem a recebeu, a Palavra é escutada até os dias atuais, chega até ao coração da pessoa e é capaz de transformar sua vida, iluminando e encorajando sua jornada¹⁰².

⁹⁹ BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E., 2020, p. 691.

¹⁰⁰ BROWN, R., 2020, p. 895-896, 909-910.

¹⁰¹ KONINGS, J.; MAREANO, M., 2020, p.95.

¹⁰² KONINGS, J.; MAREANO, M., 2020, p.64.

3. A PASTORAL DA ESCUTA

3.1 Introdução

O dia a dia corrido das pessoas as tornam menos comunicativas; não partilham suas particularidades, suas angústias, suas conquistas, alegrias etc. E, muitas delas, atualmente, encontram dificuldades até para conversar com aqueles que moram na mesma residência. Por essas razões e tantas outras, a Escuta, raramente acontece de forma afetuosa. As dificuldades emocionais aparecem, e nem sempre há espaço afetivo e espiritual para que a pessoa possa se expressar em busca da ajuda que necessita. Por isso, neste capítulo, será abordado como acontece a Escuta do próximo, principalmente na Pastoral da Escuta, um serviço onde é possível se encontrar com alguém que está disposto a ouvir, sem preconceitos ou julgamentos.

3.2 A Pastoral da Escuta: Um Serviço Fraternal

O primeiro passo para criar a Pastoral da Escuta passa pela aprovação e engajamento do pároco (padre) de uma paróquia. É ele quem tem a Escuta como função do seu Ministério. O padre, tendo a ciência da importância desta pastoral, forma os Agentes Pastorais e a partir de então ganha dimensão paroquial¹⁰³.

3.2.1 Definição da Pastoral da Escuta

A Pastoral da Escuta é um serviço, uma diaconia, de forma voluntária, livre e gratuita, sem esperar nada em troca. Os Agentes Pastorais dedicam um pouco de seu tempo para ouvir seu próximo. Os Agentes Pastorais se colocam como interlocutores para ajudar o próximo a entender suas angústias ou dificuldades do dia a dia. Vale lembrar que, estender as mãos, ou melhor, os ouvidos para o outro é um ato de evangelização, em que se utiliza dos valores cristãos para auxiliar nas tomadas de decisões¹⁰⁴.

O objetivo dessa pastoral é escutar, onde o sigilo é fundamental, isto é, proporcionar um diálogo saudável com mútua confiança, ouvir alguém que necessita de ser ouvido com amor, atenção e carinho, respeitando seus sofrimentos, que a proposito, não se pode mensurar seu tamanho somente com o ponto de vista de quem escuta. O Agente Pastoral da Escuta deve ouvir, acolher e oferecer conselhos. Em algumas situações, as dificuldades levantadas são

¹⁰³ PEREIRA, J. C., 2013, p.13-14.

¹⁰⁴ PEREIRA, J. C., 2013, p.9.

solucionadas no momento do encontro, porém, quando não for possível, essa pessoa deverá ser instruída para procurar ajuda profissional, como um médico psiquiatra, psicólogo ou direção espiritual¹⁰⁵.

Somente se Escuta o próximo, se primeiro o acolhe. Assim, a Pastoral da Escuta pode trabalhar de forma conjunta com a Pastoral da Acolhida. É possível acolher pela Escuta, pois, algumas pessoas estão precisando somente de alguém para escutá-las, ser um ouvido para o outro.

3.2.2 *Uma Pastoral que Acolhe Ouvindo*

A Escuta do outro, quando organizada na paróquia, passa a ser, assim, uma pastoral. Essa pastoral é a mais simples entre todas da paróquia, porém, com muita efetividade e afetividade, ela se apresenta como uma pastoral do acolhimento, que acolhe com os ouvidos, escutando o próximo sem saber sua identidade. Essa ação é tão importante que, se não efetuada com amor e de forma bem-organizada, os reflexos negativos¹⁰⁶ chegarão as demais pastorais, pois não acolheu segundo os ensinamentos do Senhor.

3.2.3 *Ouvir com Caridade*

Ouvir o próximo é um ato de respeito à dignidade humana, como também carinho e caridade. Além disso, é se colocar no lugar do outro e sentir suas dificuldades, iniciando pelos ouvidos até chegar ao coração, tudo isso com muito amor e dedicação, porque todos são irmãos em Cristo.

Para escutar verdadeiramente o irmão em Cristo:

É preciso inclinar o ouvido e escutar em profundidade. Isso obriga a uma Escuta de qualidade, em que os atores do processo, quem fala e quem Escuta, dialogam. A Escuta qualquer é simplesmente ouvir. A Escuta qualificada é aquela que compromete as partes em diálogo, com as verdades do fato, da fé, da pessoa, da humanidade, dos pobres, dos excluídos, dos famintos, dos vitimados¹⁰⁷.

¹⁰⁵ PEREIRA, J. C., 2013, p.9-10.

¹⁰⁶ Fiéis desmotivados, com impressão ruim da Igreja, lugar de privilegiados.

¹⁰⁷ PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais: escutar com o ouvido do coração. Roma: Vaticano, 2022.

3.2.4 *Quem é o Próximo que se Escuta?*

Quando se sente amado há um estímulo a amar e a cuidar, além disso, como Deus é fonte de todo bem e ternura infinita, o ser humano também, criado à sua imagem, é capaz de ternura. Todos são irmãos em Cristo e na convivência se descobre a beleza da vida numa construção autêntica da fraternidade ao próximo, a quem se dedica o cuidado e compartilha o caminho da vida¹⁰⁸.

A parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-35), é uma perícopes relacionada ao cuidado com o próximo, que retrata o carinho, a atenção e o cuidado para com as pessoas que necessitam de algum tipo de caridade, ou seja, o amor para com o próximo. Para que isso ocorra é necessário aprender com o Evangelho, viver como Cristo e enxergá-Lo na figura do próximo.

O próximo é definido como alguém a quem se aproxima; embora nem sempre possua vínculo familiar ou de amizade, somente o amor e a compaixão, excluindo qualquer tipo de indiferença à dor alheia. Deste modo, o que define o próximo é a necessidade de acolhimento e misericórdia. Isso é servir o próximo, um serviço para o outro. O Bom Samaritano inspira e ensina como vencer a indiferença aos moldes de Deus¹⁰⁹.

Então, Deus não faz distinção de pessoas e tão pouco é preconceituoso. Ele agrega e respeita o diferente. O Senhor ama mesmo que, em alguns momentos, não tenha reciprocidade desse amor pelo simples fato de não se conhecer a Deus. Por isso, observa-se a importância de se aproximar, principalmente de quem não conhece o Senhor e apresentar o Evangelho e apresentar o verdadeiro amor, pois “aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8).

A responsabilidade, carinho e atenção devem começar pela família consanguínea. Esses são os primeiros que devem ser ouvidos pelos agentes da Pastoral da Escuta, são os entes mais queridos que vivem juntos, com dificuldades e alegrias, derrotas e vitórias, estes são verdadeiramente os mais próximos, em que o cuidado requer ser oferecido.

O cuidado com seus familiares não se resume em levar dinheiro para casa, vai muito além disso, é ser “ouvido” de “coração” para escutar e entender as dificuldades vivenciadas durante o dia a dia, como por exemplo, de seu cônjuge, amando desmedidamente essa pessoa que Deus escolheu e confiou-lhe para dividir todas as dificuldades e prazeres da sua vida.

¹⁰⁸CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 2020: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso - "Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" Texto-Base. Brasília: CNBB, 2019., n.135-164.

¹⁰⁹CF2020, n.8-10; JORGE, J. A. O Serviço da Escuta Cristã: formação de equipes e implantação nas paróquias. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 15

Enfim, é amar e se entregar por inteiro aos mais próximos, que mesmo com problemas, caminham juntos sobre a luz do Espírito Santo.

3.2.5 *O Amor para com o Próximo*

Deus se faz próximo e se fez reflexo na criação do homem (cf. Ef 1, 3-6). Ele criou a humanidade pelo seu amor à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,1-2,4), assim, todos são chamados para viver nesse amor¹¹⁰.

O amor é a base do processo de comunhão, assim, o diálogo de aproximação deve ser com compaixão e isenta de preconceitos. Vale destacar, que o diálogo permite uma convivência harmônica em uma sociedade plural. As atitudes extremistas e egoístas dificultam o diálogo, por isso devem ser rechaçadas.

As divergências de opiniões não apontam o lado certo ou errado, mas mostra que existem diversas formas de entendimento e pontos de vista. Assim, com o diálogo, se chega em um consenso à luz da fé de um Deus que acolhe a todos e sem distinções. Todos são criados para amar, porque “Deus é amor” (cf. 1Jo 4,7-16), portanto, deve se abrir para o outro e amar como o próprio Jesus amou (cf. Jo 13,34)¹¹¹.

A vida é um dom de Deus e todos foram criados pelo Seu amor. Assim, todos são chamados para viver nesse amor: “amemo-nos uns aos outros” (1Jo 7,7). Logo, o Senhor não pede para escolher a quem amar e tão pouco amar aqueles que pensam igual, ou até mesmo, aqueles que comungam da mesma fé, ou seja, Deus pede para buscar a compreensão, viver a compaixão, entender o seu semelhante com ternura e amor, ouvir de coração aberto, porque esse é Seu mandamento, amar a Deus e o próximo como a si mesmo (cf. Mt 22,37-39; Mc 12,30-31; Lc. 10,27; Jo 13,34).

Quem ama o outro é capaz de promover um ato de acolhida, entendendo as diferenças e colhendo o que o outro tem de melhor para compartilhar. Tudo isso contribui com o processo de permanência no amor de Deus, facilitando o aconselhamento durante o processo de Escuta. O amor Verdadeiro passa pela cruz, acolher o outro no entendimento das diferenças; por isso, é um processo difícil, de renúncia e grande determinação. Quem ama é capaz de seguir os dizeres do Senhor, unindo as pessoas na fé em um único Deus, a quem determina o sentido da vida. Pela Escuta cristã se estabelece a verdadeira amizade, paz, harmonia e partilha que

¹¹⁰ LABRECQUE, C.A. *The Glorified Body: Corporealities in the Catholic Tradition*. v.8, n. 9,[S.l.] Religions, 2017, p.166.

¹¹¹ cf. CF2020, n.88;90.

fortalece os laços de amor comunitário, mitigando vazios daqueles que buscam serem ouvidos pela Pastoral da Escuta.

3.2.6 *A Escuta Fraternal do Amador*

Amador é aquele que ama, termo no qual seu significado foi deturpado. O Amador está sempre pronto para amar, portanto, ele serve e reza por aqueles a quem confidenciam suas dificuldades físicas ou psíquicas. Quem ama verdadeiramente Escuta com o coração e orienta o próximo sob o amor do Espírito Santo. Amador é ser um ouvido para o outro, como também amar sem buscar nada em troca¹¹².

Ser um ouvido para o outro é escutar e orientar o seu próximo inspirado pelo Espírito Santo. Assim, a Escuta cristã é ouvir ao próximo, não simplesmente aquele que está ao nosso lado, como um amigo, vizinho ou familiar, mas alguém que deixa aproximar-se¹¹³. O exemplo a ser seguido é o próprio Deus que se aproximou da humanidade a ponto de enviar seu Filho para ficar bem perto do ser humano, porém, Jesus achou que era preciso ficar mais próximo, então, enviou o Espírito Santo para habitar em cada pessoa que caminha para a paz e a unidade (cf. 1 Cor 6,19).

O Espírito Santo conduz ao encontro do outro que mais necessita de ser ouvido, porque todos são irmãos em Cristo, pelo seu sangue derramado. Como já mencionado, o Senhor pede que todos escutem seu apelo: “que vos amei uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13, 34). Um apelo pela fraternidade, porque todos são irmãos (cf. Mt 23,8) e o irmão não deixa o outro em dificuldades. O que move essa aproximação é o amor, o Espírito Santo. Reconhecer o outro como irmão é professar a fé cristã, de uma grande família de batizados em missão, logo, essa grande Família, que é a Igreja, vive pela fraternidade, ganhando e valorizando a paz e a unidade, sempre com o diálogo, o perdão, a reconciliação, o carinho, e a dignidade de toda pessoa¹¹⁴.

O modelo cristão é aquele que serve o outro, porque Cristo deu o exemplo da diaconia, ser servo, está sempre a serviço do próximo, isto é, realizar um serviço em benefício do outro, do próximo, um serviço fraterno por amor à sua comunidade cristã. Assim, as pessoas se tornam

¹¹² GUENTHER, M. *A Escuta Sagrada: a arte da orientação espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 2022., p.17.

¹¹³ JORGE, J. A., 2008, p.15.

¹¹⁴ MEDEIROS SILVA, J. J. *Diakonia da Palavra: o bispo é sempre um aprendiz da Palavra*. Montes Claros: Ed. do autor: 2021, p. 19-20.

mais próximas umas das outras e todos ganham com essa aproximação, principalmente aquele que se doa para o outro, pois, “é dando que se recebe” (São Francisco de Assis)¹¹⁵.

3.3 A Palavra de Deus na Pastoral da Escuta

Deus ensina Escutar, Escutando. O senhor escutou o clamor de seu povo que vivia na escravidão do Egito e os libertou (cf. Ex 5,7), do mesmo modo é importante Escutar o irmão em Cristo para que ele possa ser liberto daquilo que o aflige¹¹⁶. A libertação das aflições que atingem o próximo pode ser superada com diálogo, com intervenções precisas do Escutador (aquele que escuta) falando aquilo que escutou do Espírito Santo, porque Jesus fala aquilo que escutou do Pai (cf. Jo 14,24), assim também deve proceder o Escutador, somente falar tendo a inspiração divina como alicerce do processo de Escuta, que dialoga com o coração e restaura a vida do próximo por dentro com amor (cf. Os 2,16; Rt 2,13; Is 40,1s)¹¹⁷.

Em vista disso, os Escutadores podem ouvir o próximo porque primeiro são ouvidos por Deus. De forma prioritária, os Escutadores ouvem ao único Deus e Senhor, que sendo fiel e obediente a seus mandamentos, podem ouvir a inspiração do Espírito Santo, somente assim é possível fazer um discernimento das dificuldades do Escutado (aquele que abre o coração para o Escutador)¹¹⁸.

A principal passagem bíblica para a Pastoral da Escuta é “fala, Iahweh, pois o teu servo ouve” (1Sm 3,9), é uma postura de Escuta de Deus, em que o Escutador fala aquilo que ouviu de Deus. Porém, é possível fazer um paralelo dessa perícopa com a Escuta do outro, o Escutado fala para o Escutador ouvir de forma caridosa e racional. Por isso, é necessário que os Agentes Pastorais tenham uma vida de oração para se aproximar de Deus e depois do seu irmão para ouvi-lo com o “coração”¹¹⁹. O Escutar com o “coração” exige do Escutador um aprofundamento da sua espiritualidade e a vivência da Palavra, além de conhecer a si e a Deus de forma muito íntima, por isso, é necessário que o Escutador tenha um Diretor Espiritual para auxiliá-lo na dinâmica do seu preparo interior¹²⁰.

Como mencionado anteriormente, antes de dialogar com o Escutado, deve-se Escutar primeiramente a Deus e agir conforme a vontade do Senhor. Os Erros ocorrem quando se tomam decisões sem Escutar a Deus, intensificando ainda mais a fragilidade do Escutado. Assim,

¹¹⁵ JORGE, J. A., 2008, p.15-16.

¹¹⁶ PEREIRA, J. C., 2013, p. 14.

¹¹⁷ JORGE, J. A., 2008, p. 23.

¹¹⁸ PEREIRA, J. C., 2013, p. 14-15.

¹¹⁹ PEREIRA, J. C., 2013, p. 15.

¹²⁰ JORGE, J. A., 2008, p. 25.

como Maria preferiu ouvir o Senhor primeiro ao invés de cuidar dos afazeres domésticos da casa de sua irmã Marta (cf. Lc 10,38-42), o Escutador, a exemplo de Maria, também deve colocar a contemplação e a oração como fundamento do diálogo antes de propor algo para o Escutado. Seria muito salutar para o Escutado e Escutador se colocarem em oração sempre que necessário durante o momento de Escuta. Certamente ambos serão transformados pela Escuta divina¹²¹.

Por essa razão, “há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ecl 3,1), assim há “tempo de calar e tempo de falar” (Ecl 3,7). O silêncio também é uma expressão importante na Escuta. A capacidade de dialogar depende de quanto se dispõe a ouvir, em que determinadas situações ouvidas ou vividas são difíceis de ser expressas com palavras, assim o silêncio fala por si, principalmente, quando o teor do assunto é o mistério divino¹²².

O silêncio não é a inexistência do som, é a presença de Deus. O silêncio é a voz divina, portanto, quem se silencia ouve a voz de Deus. Na ausência de ruídos mundanos se cria uma intimidade com Deus, uma amizade com o Amor Eterno. O diálogo com o Senhor acontece quando o silêncio ocorre de maneira exterior e interior do corpo. Pela meditação, contemplação e oração que se chega a um silêncio em que se pode ouvir a Deus e, conseqüentemente, seu íntimo, possibilitando assim a pessoa encontrar respostas para suas indagações, o silêncio traz sabedoria, além disso, é terapêutico, cura, acalma, harmoniza em um profundo amor com o divino, por isso, o silêncio é o lugar de Escuta do Senhor que fala a língua da caridade que proporciona vida¹²³.

3.4 O Nascimento da Pastoral da Escuta

A primeira ação a ser tomada para implantar uma Pastoral da Escuta é a necessidade de conhecer a realidade paroquial, se de fato é útil sua implantação, geralmente, paróquias localizadas em grandes cidades necessitam dessa Pastoral, pois as pessoas têm a tendência em se isolar, sendo individualistas, sofrendo assim com a solidão. Essas pessoas não têm com quem conversar¹²⁴.

Posteriormente ao estudo da viabilidade da Pastoral, é necessário encontrar uma pessoa que centralize as tarefas básicas. O Pároco deve buscar entre os Agentes Pastorais de sua

¹²¹ PEREIRA, J. C., 2013, p. 15-16.

¹²² SANTOS, M. F. Silêncio no Mistério da Liturgia. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 20.

¹²³ VASCONCELOS, E. Pedagogia do Silêncio: um caminho para a interioridade. São Paulo: Paulinas, 2018, p.15-38.

¹²⁴ PEREIRA, J. C., 2013, p. 30.

comunidade alguém que tem um perfil de coordenador e que esteja disposto a desempenhar o seu serviço para a Igreja de Cristo, escutando o próximo. Vale ressaltar que o Pároco sempre será um assessor da Pastoral.

A equipe de Agentes Pastorais deve dedicar um pouco de seu tempo para ouvir o próximo. Esses voluntários não necessariamente precisam ser agentes sociais, psicólogos, médicos ou clérigos, pelo contrário, podem ser paroquianos que vivenciam o dia a dia da comunidade. São esses quem têm uma maior proximidade com o irmão, ou seja, quem entende o outro que necessita de ser ouvido. O Escutador deve ser compromissado, não discutir o que ouviu com outras pessoas, tratar desse momento como se estivesse em um confessionário e prestar seu serviço ao próximo pelo amor à Cristo, aquele que unifica todos como irmãos¹²⁵.

O Escutador deve ser uma pessoa de fácil acesso, discreta, respeitosa, otimista, perseverante, sincera, humilde, atuante na Paróquia e com espírito de liderança. Ele deve apresentar uma agenda de atendimento, que será divulgada para contemplar um maior número de pessoas. Ele pode atender em uma sala, na Igreja, na Capela do Santíssimo ou na Natureza, porém o melhor lugar é uma sala mobiliada e reservada, com privacidade, segurança e silêncio. Na Natureza, sob uma árvore, também é uma ótima opção, o que pode ajudar no discernimento das medidas a serem adotadas, ou seja, o diálogo flui de forma saudável e mais tranquila, mas, seja qual for lugar, não esquecer de clamar pela inspiração e condução do Espírito Santo¹²⁶.

O Escutado tem o direito de escolher o seu Escutador, bem como o horário para seu atendimento, logicamente, de acordo com a disponibilidade do Escutador. Deste modo, a escala de atendimento deve estar afixada em local visível da sua Paróquia. O informe deve se limitar ao nome e o horário do Escutador que irá atender, evitando fornecer dados pessoais. Em determinadas situações as pessoas ficam dependentes, fazendo com que o Escutador participe de todas as suas decisões a qualquer hora e local¹²⁷.

Vale destacar que o papel do Escutador é Escutar e se necessário dialogar e orientar, não tomando as decisões pelo outro, ele estará ao lado do Escutado apontando caminhos, opções, sendo um espelho que reflete a Luz de Cristo, para que, assim, o Escutado possa enxergar os obstáculos e por si mesmo transpô-lo, por isso, antes de começar a conversa, os limites e o campo de atuação do Escutador devem ser apresentados¹²⁸. Ao longo da caminhada da Pastoral da Escuta, a comunidade entende e adere a essa ação transformadora, que compartilha fardos

¹²⁵ BALDISSERA, D. P. Serviço de Escuta: manual de procedimentos. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 9; GUENTHER, M., 2022, p.35.

¹²⁶ PEREIRA, J. C., 2013, p. 24-28.73-76.

¹²⁷ BALDISSERA, D. P., 2011, p. 7-10.

¹²⁸ PEREIRA, J. C., 2013, p. 39-42

pesados na certeza da presença divina manifestada no serviço alegre da entrega para o outro. Tal eficácia da Pastoral da Escuta é proveniente de uma infraestrutura pré-estabelecida, com uma equipe de Escutadores capacitados que recebem colaboração de profissionais da área de saúde mental, além da Direção Espiritual de religiosos.

3.4.1 Esquema de Implantação da Pastoral da Escuta

Na Pastoral da Escuta as pessoas são ouvidas, compreendidas, apoiadas e estimuladas a vencer seus desafios, sejam eles nas necessidades espirituais, emocionais ou do dia a dia profissional, interpessoal e familiar. Segue um esquema de alguns pontos mais importantes para se implementar uma Pastoral da Escuta:

Tópico Central:

- O cuidado Acolhedor em Escutar com Carinho e Amor.

Necessidade de Implantação:

- Analisar as necessidades da comunidade para se ter uma Pastoral da Escuta e se há apoio do Pároco.

Estrutura básica da Pastoral da Escuta:

- Espaço físico adequado para os encontros de Escuta: sala de encontros de Escuta.
- Móveis confortáveis, principalmente, duas cadeiras.
- Pode ser realizado na Natureza, Capela do Santíssimo ou Igreja.

Formação e Capacitação dos Escutadores:

- Recrutar a equipe de voluntários: Escutadores.
- Os Escutadores devem ter sensibilidade, empatia e respeito pela diversidade das experiências humanas.
- Capacitar os Escutadores na Escuta ativa: aconselhamento pastoral com princípios éticos.

Colaboração de Profissionais:

- Estabelecer parcerias com profissionais de saúde: agente social, psicólogos e médicos (psiquiatra).
- Diretor Espiritual da Equipe da Pastoral.

Horários de Atendimento Pastoral:

- Determinar horários fixos para os encontros de Escuta.
- Conciliar a disponibilidade dos Escutadores às atividades da comunidade.

Divulgação e Conscientização:

- Informar a comunidade sobre a existência e os benefícios da Pastoral da Escuta.
- Utilizar: folhetos, redes sociais, eventos e Celebrações Eucarísticas.

Protocolos de Confidencialidade:

- Estabelecer a confidencialidade e ética no serviço da Escuta.
- Assegurar a privacidade dos Escutados.

Integração com Outras Pastorais:

- Estar próxima de outras pastorais, movimentos e ministérios da comunidade, visando um suporte aos paroquianos que participam das atividades paroquiais.

Avaliação do Processo de Escuta:

- Implementar um sistema de avaliação da Pastoral para, se necessário, fazer ajustes no processo de Escuta: solicitar aos Escutados uma avaliação do momento de partilha através de um questionário de satisfação.

Eventos e Atividades que Auxiliam a Escuta:

- Organizar eventos e atividades que visam a saúde mental, espiritual, corporal e emocional dos paroquianos, em especial dos Escutados: Adoração ao Santíssimo, atividades recreativas, pregações, palestras e momentos de oração.

Recursos Espirituais:

- Elaborar cartilhas ou panfletos com pequenas frases motivacionais que remetem a Deus para ser disponibilizados para os Escutados durante os encontros de Escuta: suporte da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escuta no Antigo Testamento revela uma característica muito variada que caminha lado a lado com a história do povo de Israel e sua relação obediente com o Deus revelado pela Escuta. O *Shemá* é a condição da Aliança entre Deus e Israel, logo, a Escuta não é passiva, mas uma ação ativa, uma resposta à Palavra divina. A Escuta no Antigo Testamento é imposição, mas também um convite para uma relação com Deus, uma voz que ecoa na vida do ser humano até a atualidade.

No Novo Testamento, a Escuta revela a centralidade da Palavra em Jesus Cristo, o Verbo encarnado. A Escuta está além da obediência, pois é uma resposta à encarnação da Palavra, Jesus, o modelo supremo da Escuta, que proclama a mensagem do Reino e seus discípulos são chamados para Escutar seus ensinamentos, um convite para a conversão. Após isso, os discípulos são enviados para o mundo com o objetivo de fazer o mesmo em Seu nome, ou seja, levar a mensagem ouvida do Senhor não apenas aos judeus, mas a todos, uma prática de Escuta muito além das fronteiras sanguíneas, étnicas e culturais, é um chamado para todos os que desejam seguir Jesus Cristo.

A Escuta na Sagrada Escritura é a presença viva de Deus que ensina e transforma vidas, ela é a porta de entrada para participar da salvação, por isso, todas as pessoas devem ser ouvidas e compreendidas. Além disso, entender seu valor, sua razão de viver e se colocar na caminhada junto a Cristo.

Nesse ponto, a presença e o papel do Escutador são de grande importância para ouvir o desabafo do outro, escutando aquilo que mais pesa na caminhada do irmão, ou seja, o Escutado deixa o fardo pesado para traz e alivia sua caminhada com a ajuda divina, intercedida pelo Escutador.

Escutar é um sentido humano que está além de ouvir sons, é escutar com o coração, aprender para ajudar ou compartilhar vivências. A Escuta sempre esteve presente na história desde a criação até a atualidade, por isso, a Teologia da Escuta da Sagrada Escritura possibilita uma forma de entender a dinâmica de ouvir o outro, porque para ouvir alguém, antes se faz necessário ouvir a Deus.

A Escuta do próximo na Pastoral da Escuta nasce da necessidade crescente de promover um ambiente mais acolhedor e que cuida um do outro. A Escuta é fundamentada na compaixão, e a Igreja aparece como modelo, oferecendo apoio espiritual necessário nessa jornada caridosa. A Pastoral da Escuta, além de enriquecer a vida paroquial cuidando do íntimo de cada paroquiano, também atua evangelizando e executando os ensinamentos do Evangelho, tais como: amor,

dedicação, empatia e compreensão para com as adversidades do irmão, ações concretas que refletem o amor de Deus.

Escutar o outro pode proporcionar mudanças tanto em quem escuta quanto em quem abre seu coração, um impacto duradouro na vida de cada um que participa desse processo. Escutar é uma iniciativa de ir ao encontro daqueles que buscam consolo, compreensão e orientação sob a luz do Espírito Santo. Não é uma terapia, mas uma jornada espiritual que apoia e fortalece a comunidade cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDISSERA, D. P. Serviço de Escuta: manual de procedimentos. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Bíblia Sagrada: Tradução oficial da CNBB. 1.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- BOFF, L. Teologia à escuta do Povo. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 41, n. 161, [S. l.], 1981.
- BROWN, R. Comentário ao Evangelho de João. Vol. 1. São Paulo: Paulus Editora, 2020.
- BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E. (ed.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: antigo testamento. São Paulo: Paulus. 2007.
- BROWN, R. E., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2020.
- BROWN, R. Introdução ao Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2012.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993.
- CENTRO BÍBLICO VERBO. Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João. Vida Pastoral, ano 56, n.305, set/out, São Paulo, 2015.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja, Roma: Vaticano, 1964.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 2020: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso - "Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" Texto-Base. Brasília: CNBB, 2019.
- FIGUEIRINHA, V. E. M. Do Cristo que fala à Igreja que escuta Estudo exegético-pastoral da trilogia “conhecer”, “dizer” e “ouvir” em Ap 2-3. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Programa de Pós-graduação em Mestrado Integrado em Teologia. Lisboa, 2012.
- FORT, B. À Escuta do Outro: Filosofia e Revelação. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GUENTHER, M. A Escuta Sagrada: a arte da orientação espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2022.
- GUERTZENSTEIN, D. S. S. A Bíblia Hebraica na Tradição Rabínica: uma abordagem acerca da literatura judaica. PLURA, Revista de Estudos de Religião, v. 8, n. 1, [S. l.], 2017.
- HAHN, S; MITCH, C. O livro do Gênesis: Cadernos de estudo bíblico. 1ª ed. Campinas: EC-CLESIAE, 2015.
- HARRINGTON, W. J. Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização. São Paulo: Paulus, 1985.

- JORGE, J. A. O Serviço da Escuta Cristã: formação de equipes e implantação nas paróquias. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KONINGS J.; KRULL, W.; MAREANO, M., Tiago, Pedro, João e Judas: Cartas às comunidades. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- KONINGS, J.; MAREANO, M., As Cartas Pastorais de Paulo e A Carta aos Hebreus. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M. Tiago, Pedro, João e Judas: Cartas à Comunidade. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- LABRECQUE, C.A. The Glorified Body: Corporealities in the Catholic Tradition. v.8, n.9, [S.l.] Religions, 2017.
- LANCELLOTTI, B. Comentário ao Evangelho de São Lucas. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983.
- LYON, I. Patrística: Contra as Heresias. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- LYON, I. Patrística: Demonstração da Pregação Apostólica. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- MALZONI, C. V. Evangelho segundo João. São Paulo: Paulus, 2018.
- MATEOS, J; BARRETO, J. Vocabulário teológico do evangelho de São João. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MAZZAROLO, I.; KOHAN, J. Atos dos Apóstolos: O Caminho da Palavra. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- MEDEIROS SILVA, J. J. Diakonia da Palavra: o bispo é sempre um aprendiz da Palavra. Montes Claros: Ed. do autor: 2021.
- MOURÃO, J. A. Tradição Oral e Literatura Bíblica. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n. 9, Lisboa: Edições Colibri, 1996.
- NICCACCI, A; BATTAGLIA, O. Comentário ao evangelho de João. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NICCACI, A.; BATTAGLIA, O. Comentário ao Evangelho de São João. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PAPA BENTO XVI. A vida de São Paulo antes e depois de Damasco. Audiência Geral. Sala Paulo VI. 27 de agosto de 2008.
- PAPA FRANCISCO. Atos dos Apóstolos: Coleção catequese do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2020.
- PAPA FRANCISCO. Carta apostólica na forma de motu próprio Ad theologiam promovendam. Roma: Vaticano, 2023.
- PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais: escutar com o ouvido do coração. Roma: Vaticano, 2022.

- PAULA, J. D. As bodas de caná (João 2,1-11): o ‘vinho novo’ como reconstrutor das relações de gênero. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Goiânia, 2020.
- PEREIRA, J. C. Pastoral da Escuta: por uma paróquia em permanente estado de missão. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- PEREIRA, J. C. Pastoral da Escuta: por uma paróquia em permanente estado de missão. São Paulo: Paulus, 2017.
- PERONDI, I. Estas palavras e o *Shemá*. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, v. 11, n. 2. Curitiba, 2019.
- QUIRINO, A. T. Teologia da Escuta: palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2022.
- RATZINGER, J. A Infância de Jesus. São Paulo: Planeta, 2012.
- ROSSE, L. A. S. Milagres na Bíblia. São Paulo: Paulus, 2017.
- SANTOS, M. F. Silêncio no Mistério da Liturgia. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- TEMPESTA, O. J. Por uma Igreja Sinodal: Reflexão pastoral. Vida Pastoral, n.349. [S. l.], 2023.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. Catena Aurea: exposição contínua sobre os Evangelhos – vol. 1: Evangelho de São Mateus. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. Catena Aurea: exposição contínua sobre os Evangelhos – vol. 3: Evangelho de São Lucas. Campinas: Ecclesiae, 2020.
- VANHOYE, A. A mensagem da Epistola aos Hebreus. São Paulo: Paulus, 1983.
- VASCONCELOS, E. Pedagogia do Silêncio: um caminho para a interioridade. São Paulo: Paulinas, 2018.
- VOUGA, F. A Carta de Tiago. São Paulo: Edições Loyola, 1996.